



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

**MELRIDIANE GOMES PAULINO**

**A VIVÊNCIA SEXUAL DA MULHER CRISTÃ: UMA LEITURA DO CONTO “MISS  
ALGRAVE”, DE CLARICE LISPECTOR**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

**MELRIDIANE GOMES PAULINO**

**A VIVÊNCIA SEXUAL DA MULHER CRISTÃ: UMA LEITURA DO CONTO “MISS  
ALGRAVE”, DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia, apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do título de graduado em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P328v Paulino, Melridiane Gomes

A vivência sexual da mulher cristã [manuscrito] : uma leitura do conto "Miss Algrave", de Clarice Lispector / Melridiane Gomes Paulino. - 2016.

58 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa, Departamento de Letras e Artes".

1.Cristianismo. 2.Sexualidade. 3.Mulher. 4.Clarice Lispector. I. Título.

21. ed. CDD 248.843

MELRIDIANE GOMES PAULINO

**A VIVÊNCIA SEXUAL DA MULHER CRISTÃ: UMA LEITURA DO  
CONTO "MISS ALGRAVE", DE CLARICE LISPECTOR**

Campina Grande, 20 de Outubro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Jhonatan Leal da Costa 10,0  
**Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa**  
Orientador

Kalina Naro Magalhães (10,0)  
**Prof.ª Dr.ª Kalina Naro Magalhães**  
Examinadora interna

Francielle Suenia da Silva (10,0)  
**Prof.ª Me. Francielle Suenia**  
Examinadora externa

Para minha mãe, Josélia Gomes dos Santos, representação concreta de uma mulher forte, capaz de superar as adversidades da vida. Pelo carinho e apoio de sempre às minhas realizações profissionais, mesmo quando estas se distanciavam de suas crenças e ideologias.

## AGRADECIMENTOS

Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa, por acreditar no meu potencial para desenvolver essa pesquisa. Por toda a paciência e tempo disponibilizado em orientações e discussões – formais e informais – que me fizeram amadurecer intelectual e subjetivamente. Agradeço, ainda, pelo acervo de livros emprestados e, principalmente, pelo compromisso assumido na construção de uma sociedade mais humana.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kalina Naro Guimarães, por ter aceito o convite para compor a banca de minha defesa e pelas contribuições dadas para o enriquecimento da minha pesquisa.

Prof.<sup>a</sup> Me. Francielle Suenia da Silva, por ter aceito o convite de compor a minha banca de defesa e por suas contribuições para a minha pesquisa.

À Valber Ferreira de Almeida, meu amigo e maior companheiro nos momentos de alegria e desespero. Por todos os anos de paciência, respeito e consideração, mesmo quando eu não merecia.

Às minhas irmãs Joseane, Jessica e Maria Luíza, pelo respeito aos meus momentos de crise e pelo compartilhamento de suas frustrações, as quais me serviram de aprendizado e motivação.

À UEPB, por me proporcionar a realização de um dos meus grandes sonhos e me proporcionar o conhecimento de pessoas com as quais aprendi a enxergar e respeitar a vida de forma mais consciente.

## RESUMO

Registro de fé, símbolo de adoração e “manual de boas condutas” para à conquista da promessa da salvação eterna, a bíblia é um livro que tem seu espaço demarcado na vivência da maioria dos sujeitos ocidentais, seja para aqueles que se deixam ou tentam se deixar guiar por seus ensinamentos, seja para os que a negam e/ou a subvertem, ao enxergá-la como uma ferramenta de controle e opressão de massas populacionais. Ao considerarmos que o cristianismo é um dos grandes eixos mantenedores do patriarcado, principalmente no que diz respeito à negação ou aceitação dos papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres, desenvolvemos o mote e o objetivo geral desta pesquisa: analisar como a ideologia cristã contribuiu no comportamento e na vivência da sexualidade por parte da personagem Ruth Algrave, protagonista do conto “Miss Algrave”, encontrado na obra *A via crucis do corpo* (1998), de Clarice Lispector. Ao fazer uso da Literatura, a autora dessacraliza o texto bíblico e expõe um aspecto recorrente em suas narrativas, principalmente através das personagens femininas: o uso da escrita como ferramenta de consciência, contestação e/ou libertação da doutrinação hegemônica. Nesse sentido, esta pesquisa se organiza em duas seções: na primeira, é feito um breve levantamento sobre o cristianismo e a sua influência no comportamento feminino. Nesse momento, também traçaremos considerações a respeito da representação do ato de escrever na ficção de Clarice Lispector, contemplando a relação entre produção literária e libertação falocentrista. Na segunda seção, apresentaremos, finalmente, a análise do conto. Nos deteremos ao estudo e identificação das marcas textuais que evidenciam, na obra escolhida para este trabalho, a presença das implicações do cristianismo na opressão sexual, social e psicológica da mulher representada. Para tratarmos das mimetizações sexuais e de gênero no referido conto clariceano, faremos uso, principalmente, dos estudos defendidos por Badinter (2005), Silva (2010) e Miranda (2015). Já para a abordagem da literatura de Lispector, contaremos com os estudos de Gancho (1995) e com as contribuições de um dos principais pesquisadores da vida e da obra de Clarice, o crítico literário Benedito Nunes (1995). Ao longo de toda a pesquisa, acreditamos ter comprovado a hipótese de que o discurso religioso cristão exerce um papel relevante nos conflitos internos vivenciados pela personagem Ruth no conto “Miss Algrave”, que será explicitado nas “Considerações”, quando reuniremos as conclusões a que chegamos ao final do percurso deste trabalho.

**Palavras-chave:** Cristianismo. Sexualidade. Mulher. Clarice Lispector.

## ABSTRACT

faith registration, worship symbol and "manual of good conduct" for the achievement of the promise of eternal salvation, the Bible is a book that has its place marked in the experience of most Western subjects, either for those who leave or try to be guided by their teachings, is for those who deny and / or subvert, to see it as a tool of control and oppression of mass population. When we consider that Christianity is one of the major axes maintainers of patriarchy, especially with regard to the denial or acceptance of social roles assigned to men and women, we developed the theme and the objective of this research: to analyze how the Christian ideology contributed in behavior and experience of sexuality by the character Ruth Algrave, tale protagonist "Miss Algrave", found in the book *the via crucis of the body* (1998), by Clarice Lispector. By making use of literature, the author desecrates the biblical text and exposes a recurring aspect in their narratives, mainly through the female characters: Writing use as awareness tool, challenge and / or release of the hegemonic indoctrination. In this sense, this research is organized into two sections: the first is made a brief survey about Christianity and its influence on female behavior. At that time, also will trace considerations about the representation of writing in fiction Clarice Lispector, comtemplando the relationship between literary production and falocentrista release. In the second section, we present finally, the analysis of the tale. We will concentrate on the study and identification of textual markers that show, the chosen work for this work, the presence of the implications of Christianity in sexual oppression, social and psychological represented the woman. To treat sexual mimetics and gender in that clariceano tale, we use mainly the studies presented by Badinter (2005), Silva (2010) and Miranda (2015). As for the approach of Lispector's literature, we will have the hook studies (1995) and with contributions from a leading researcher of the life and work of Clarice, the literary critic Benedito Nunes (1995). Throughout the survey, we will be guided by the desire to prove the hypothesis that the Christian religious discourse plays an important role in the internal conflicts experienced by Ruth character in the story "Miss Algrave" since being denied or confirmed in the "Considerations" when will gather the conclusions we have reached the end of the course of this work.

**Keywords:** Christianity. Sexuality. Woman. Clarice Lispector.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>SEÇÃO 1 – MULHER CRISTÃ: DA PUNIÇÃO À REDENÇÃO</b> .....	15
1.1 REFERENCIAIS PARA A MULHER CRISTÃ.....	15
1.1.1 PUNIÇÃO PARA A MULHER DESOBEDIENTE.....	16
1.1.2 MARIA, A VERSÃO REDIMIDA DE EVA.....	19
1.1.3 RUTH E OUTRAS MULHERES PÓS-EVA.....	20
1.1.4 OPRESSÃO À MULHER.....	22
1.2. ESCRITA E LIBERTAÇÃO.....	24
1.2.1 ESCRITA E MULHER.....	24
1.2.2 A ESCRITA DA MULHER CLARICE LISPECTOR .....	26
1.2.3 A ESCRITA PARA ALGUMAS PROTAGONISTAS CLARICEANAS .....	27
<b>SEÇÃO 2 – A SEXUALIDADE DA MULHER CRISTÃ EM “MISS ALGRAVE”..</b> .....	29
2.1 A PASSIVIDADE DE RUTH.....	29
2.1. 1 A SEXUALIDADE CRISTÃ .....	31
2.2 CORPO E OPRESSÃO RELIGIOSA.....	34
2.1.2 UMA ASSEXUALIDADE DE APARÊNCIA.....	36
2.1.3 A PRESENÇA CRISTÃ NA RELAÇÃO SEXUAL DE RUTH .....	39
2.1.4 A “LIBERTAÇÃO” .....	43
2.3 OS CAMINHOS SE ABREM.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	47
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	50
<b>ANEXOS</b> .....	54

## INTRODUÇÃO

As relações desiguais de gênero e os relatos de violência contra a mulher desde muito tempo fazem parte do cotidiano ocidental. Embora seja preciso ressaltar que a problemática de gênero não está presente tão somente nas sociedades ocidentais encontrando-se também de diferentes formas na cultura oriental. Em se tratando do Brasil, que ocupa, hoje, o quinto lugar entre os países que mais matam mulheres no mundo, essas práticas são corriqueiras, ao ponto de, para vários brasileiros, a depender do caso, algumas atitudes abusivas, agressões machistas, ou até mesmo assassinatos, serem consideradas práticas justas ou naturais.

Os registros do SIM (Sistema de Informação de Mortalidade), com base nos dados avaliados entre os anos de 1980 e 2013, apontaram um crescimento significativo no número de mulheres vítimas de homicídio em nosso país. A pesquisa aponta o aumento assustador de 252%, pois se no ano de 1980 foram mortas, no Brasil, 1.353 mulheres, em 2013 esse número evoluiu para 4.762 (WAISELFISZ, 2015, p.11). Essa informação torna-se ainda mais estarrecedora ao nos remetermos para o ano de 2006, quando foi sancionada a Lei nº 11.340, a Lei Maria da Penha, com medidas de proteção às mulheres vítimas de violência física e/ou psicológica. Esses e outros dados podem ser conferidos no *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*, elaborado pelo sociólogo e Coordenador da Área de Estudos sobre Violência da FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), Julio Jacobo Waiselfisz.

O mapa aponta ainda outro aspecto interessante nesse tipo de homicídio: a diferença na forma como essas mulheres morrem. Se nos homicídios de homens é mais recorrente o uso de armas de fogo, nos femininos, além das armas, é bastante comum as mortes serem executadas por estrangulamento, objetos cortantes e contundentes, o que, segundo Waiselfisz (Cf.: 2015, p.39) indicaria uma forte presença de ódio e de motivação fútil na maior parte desses crimes, os quais, de um modo geral, são cometidos em domicílio por parceiros ou ex-parceiros das mulheres dizimadas.

Recentemente, a divulgação de um vídeo com imagens de violência sexual (o estupro coletivo de uma jovem de 16 anos) chocou o Rio de Janeiro, provocou comoção nas redes sociais e alimentou a opinião pública. As imagens do crime foram divulgadas na internet pelos próprios suspeitos. “O vídeo que foi amplamente compartilhado nas redes sociais tem cerca de 40 segundos de duração e mostra a garota nua e desacordada enquanto os rapazes conversam ao fundo. ‘Engravidou de 30’, diz um deles”, noticiou o *Portal R7* no dia 26 de

Maio de 2016 ([s/a],[s/p]). De acordo com a plataforma de notícias on-line *Uol*, no dia 2 de Junho do mesmo ano ([s/a], [s/p]), a delegada Cristina Bento confirmou, através de uma perícia realizada nos celulares de todos os suspeitos, a consumação dos atos libidinosos no corpo desacordado da vítima menor de idade, o que, perante a lei, já configuraria o crime de estupro.

Em meio à toda a polêmica que envolve o caso, merece reflexão o fato da polícia ter dado como comprovada a existência da violência sexual e, ainda assim, nas redes sociais e na esfera pública, as opiniões continuarem divididas: houve ou não houve consumação de violência sexual contra a mulher? Em se tratando deste fato, o sentimento de indignação e repugnância dividiu espaço com discursos preconceituosos, machistas e conservadores, os quais defendiam que a vítima conferiu abertura para que as práticas abusivas ocorressem. O conhecimento de que homens doparam, estupraram, filmaram e divulgaram imagens da garota nua e inconsciente na internet, parece ter sido minimizado por ela apresentar um comportamento fora do padrão construído para mulheres pelas ideologias patriarcais, alicerçadas em dogmas cristãos:

A compreensão de que a construção da identidade de gênero decorre das relações sociais remete à problematização dos aspectos culturais que sustentam as práticas sociais, educativas e discursivas de homens e mulheres nos campos da reprodução e sexualidade. Nesse sentido, faz-se um recorte, aqui, em torno da construção histórica de algumas ideias filosóficas e religiosas-cristãs, dada sua influência em nossa cultura ocidental, considerando algumas de suas implicações em torno do corpo, da sexualidade e contracepção feminina. (SILVA & MANDÚ, 2007.p.459).

É notório que a ideologia cristã ocidental dita, a partir da representação de Maria (virgem submissa e com o poder de conceber sem a cópula sexual, o “pecado original”), um referencial de comportamento feminino que parece garantir às suas adeptas o respeito social. Em contrapartida, para as mulheres que não se adequam ao perfil mariano, a sociedade patriarcal, alicerçada na Igreja Católica, aciona mecanismos de opressão e legitimação de preconceitos, tornando os sujeitos femininos mais suscetíveis a situações de prejulgamentos e crimes, como, por exemplo, o estupro coletivo anteriormente citado:

Considera-se que a construção histórica de símbolos religiosos influi no cotidiano de nossas práticas profissionais e não profissionais, independentemente da fé professada, uma vez que a religião participa da formulação de concepções gerais que orientam nossas relações com as pessoas e que assumem uma aura de factualidade singularmente realista. (*ibdem*, p.459).

Nesse sentido, nos perguntamos: será que, na cultura falocentrista, o “comporta-se como Eva” (desobediente e sexuada) assegura o direito ou justifica atos de desrespeito e violência para com o ser feminino? Para uma mulher viver em segurança nos limites da

sociedade patriarcal, ela necessariamente precisa corresponder ao perfil de Maria (submissa e assexuada)?

A sexualidade humana, na perspectiva bíblica, é descoberta quando Eva, supostamente seduzida pela serpente, induz Adão a comer do fruto do conhecimento, o fruto proibido, ao passo que eles, após a consumação do ato, “abriram os olhos e perceberam que estavam nus” (Gênesis, 1990, p.16.). Em um ponto de vista não muito diferente, o pensamento idealista de Platão assegura que as sensações ligadas ao corpo (tidas como impurezas) constituíam-se em um dos impedimentos mais importantes para o alcance do conhecimento tido como verdadeiro. O corpo é visto como uma fonte de poluição e as mulheres são associadas a essa esfera poluidora. (Cf.: SILVA & MANDÚ, 2007, p.461).

Ao colocar a origem do mal na sexualidade, ou seja, “sexualizar” o pecado original, Santo Agostinho deixou seu maior legado à moral cristã: a concupiscência foi o pecado original; o homem é fruto do pecado. Esta concepção fez do mundo algo entravado pelas exigências do corpo que impediam a ascensão da alma; o ser humano tornou-se fragilizado e culpabilizado pelo desejo, o que levou a uma exaltação sem precedentes da virgindade. (SALLES & CECCARELLI, 2010.p.17).

Ainda segundo Salles e Ceccarelli (*ibidem*), a sexualização do pecado original transformou o homem em uma “vítima indefesa da mulher”, uma vez que esta é essencialmente inescrupulosa e sem princípios, tal como Eva, seduzindo e levando o homem a praticar o pecado; pecado, este, que, ao ser conduzido pela mulher, tende a ser sempre de cunho sexual, surgindo daí a imagem negativa da associação mulher/sexo.

Tem início, assim, a luta judaico-cristã para evitar ou, ao menos, controlar a sexualidade humana. Nesse processo, a mulher, principal responsável pelo afloramento desses desejos no homem, sofre com a castração simbólica e a opressão de sua sexualidade, como forma de castigo e de reestabelecimento das relações de poder entre Deus (homem) e as mulheres.

Para Salles e Ceccarelli (2010, p. 18), na cultura ocidental, o sexo não tinha razão de ser se não para procriação. Desse pressuposto surge a ideia de “coito natural” que origina o discurso que separa as práticas sexuais em “normais”, identificadas à procriação, e “anormais”, que diziam respeito às práticas infecundas. Desta forma, é considerado “pecado contra a natureza” ações como pedofilia, necrofilia, masturbação, homossexualidade separada da procriação, sodomia, dentre todas as demais vivências da sexualidade que não resultem na perpetuação da espécie.

Em se tratando especificamente da sexualidade feminina na perspectiva cristã ocidental, encontramos, na representação de Eva e Maria, os referenciais que marcam

significativamente a concepção de mulher e sua relação com o sexo. Essas mulheres simbolizam, respectivamente, o pecado/punição e santidade/adoração, como aprofundaremos na fundamentação de nosso trabalho. Por ora, basta-nos a consciência da força discursiva que a ideologia cristã exerce sobre a conduta feminina, de maneira a perceber que a construção desses moldes, ainda que ancorados em narrativas ficcionais, refletem diretamente na forma como a sociedade ocidental enxerga a mulher, enaltecendo-a ou reprimindo-a a partir de sua conduta sexual.

Assim, entendendo o cristianismo como uma instância de legitimação de estereótipos e que, por isso, tem sido uma das justificativas para atos de intolerância e violência, dos mais variados tipos, contra a mulher, percebemos a importância de se refletir sobre como o discurso cristão ocidental influencia no comportamento humano e, conseqüentemente, na forma como as pessoas enxergam o outro, creditando a esse olhar direcionado um fator condicionante e mantenedor na propagação dessas ideologias sustentadoras da opressão feminina.

O livro de contos *A via crucis do corpo*, publicado em 1974 por Clarice Lispector, apresenta uma das características recorrentes na escrita de mulheres no seu processo de subversão ao sistema patriarcal: a presença do erotismo feminino. O caráter transgressor dessa obra também pode ser relacionado ao próprio contexto histórico brasileiro vivenciado pela escritora no ano de sua publicação, pois em 1974 o Brasil ainda estava sob o regime da ditadura militar e do autoritarismo conservador de direita. Em sua produção artística, portanto, Clarice rompe com a censura, com a representação conservadora do feminino e com a moral advinda do discurso cristão.

No conto “Miss Algrave”, a personagem Ruth tem seu comportamento regrado pelo texto bíblico: mulher respeitável, filha de um pastor, frequentadora assídua e cantora no coral da igreja, a personagem vive se privando de realizar ações que considera pecado e, embora essa decisão resulte na insatisfação sexual e na solidão da personagem, ao menos parece garantir a ela o respeito da sociedade. Desse modo, a bíblia é, para Ruth, assim como o é para grande parte das mulheres no plano da exterioridade, um “manual de boas condutas”, em que se pode encontrar os meios adequados para se tornar alguém feliz e honrado. Ir de encontro aos preceitos estipulados pelo livro bíblico resultaria, na esfera da espiritualidade, em infortúnio eterno (inferno) e, no campo terreno, do real, em intolerância social.

Assim, nesse trabalho, faremos uma análise de como a ideologia religiosa cristã, bem como a dependência físico-psicológica feminina do patriarcado (Cf.: SILVA, 2010, p. 139),

podem ter influenciado no comportamento da protagonista do conto clariceano “Miss Agrave”. Além disso, buscaremos evidenciar, nessa escrita de Clarice, a presença da intertextualidade com uma das passagens mais marcantes do texto bíblico: a anunciação do anjo à Maria. O propósito dessa estratégia de análise é a comprovação ou refutação da hipótese de que o discurso religioso cristão exerce papel relevante na manutenção do sistema patriarcal e na opressão sexual vivenciada pela personagem do conto a ser estudado.

Para tanto, realizaremos uma breve revisão bibliográfica a respeito dos estudos de gênero e sexualidades divulgados, principalmente, por Elisabeth Badinter (2005) e Antonio de Pádua Dias da Silva (2010). Também faremos uso de passagens do texto bíblico que apresentem, de forma direta ou indireta, intertextualidade com o conto em questão, a saber: passagens dos livros de Gênesis, Ruth e Lucas. No campo da crítica literária, nosso trabalho se embasará nas pesquisas de Gancho (1995), nos posicionamentos de Benedito Nunes (1995), dentre outros.

Organizamos a pesquisa em duas seções: Na primeira, consta a fundamentação teórica, constituída de quatro tópicos. No primeiro, apresentamos um levantamento sobre o cristianismo e suas implicações acerca da representação do feminino nos textos bíblicos. No segundo, mostramos algumas considerações relacionadas à opressão da mulher no universo sociológico. No terceiro, expusemos uma reflexão sobre a representatividade do ato de escrever para algumas personagens femininas de Clarice Lispector. O quarto e o último tópico dessa seção, por sua vez, reúne algumas considerações sobre a autora Clarice Lispector e o estabelecimento das relações entre o conto “Miss Agrave” e outras obras da autora. Na segunda seção, é feita a análise do texto ficcional, subdividida em três momentos: o primeiro, tem o propósito de perceber a presença do cristianismo nos signos constituintes do conto proposto para estudo. O segundo, traz a identificação dos traços que marcam a opressão da mulher no texto em análise e, o terceiro e último momento, elenca os achados iniciais a que chegamos ao final deste exame. A pesquisa é encerrada com as últimas “Considerações” a serem realizadas nesse instante e encerra com a apresentação integral do conto trabalhado no decorrer das próximas páginas, na categoria “Anexos”.

## SEÇÃO 1 – MULHER CRISTÃ: DA PUNIÇÃO À REDENÇÃO

### 1.1 REFERENCIAIS PARA A MULHER CRISTÃ

O interesse em compreender de que maneira o cristianismo ocidental influencia no comportamento feminino e na forma como a mulher é vista pelos demais sujeitos, surgiu, inicialmente, pela percepção da conduta paradoxal (vítima e mantenedora do patriarcado) ou ambivalente, como esclarece Silva (2010, p.64), quando diz ser aquela mulher que é ao mesmo tempo submissa e transgressora do sistema patriarcal.

O comportamento da protagonista do conto “Miss Algrave” parece estar fortemente relacionado a uma tentativa, da mesma, em tornar-se a reprodução “humana” de um ideal de representação feminina advindo da ideologia cristã. Também partimos da constatação, no plano da exterioridade, de que a maioria dos crimes de violência contra a mulher que são praticados por homens ocorrem por motivos torpes ou fúteis. Segundo Debelak (et al, 2015. [s/p]) os crimes relacionados as questões de gênero não seriam praticados por indivíduos masculinos acometidos por problemas biológicos, tais como distúrbios mentais, vontade incontrolável de sexo, doença psicopatológica ou mesmo por conflitos de relacionamento. Esta seria, portanto, uma consequência da vontade “comum” do homem na sua luta pela manutenção do poder, de querer “doutrinar” a mulher para mantê-la, sempre, em posição de inferioridade. Assim, os opressores, protegidos pelos discursos cristãos, tendem a justificar seus atos, não poucas vezes, pela intolerância e preconceito para com aquelas que não correspondem a um determinado padrão comportamental.

O cristianismo sempre teve e ainda tem um papel social marcante na vida do homem. Seja no Judaísmo (sua forma primitiva) ou na versão das narrativas do Novo Testamento, na bíblia, os cristãos enxergam um meio norteador para os seus comportamentos, um manual inquestionável de boas condutas que os conduzirá a suposta salvação eterna.

O Novo Testamento centra-se, de modo geral, no relato do nascimento e dos ensinamentos de Jesus, “o cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo” (JOÃO, 1990, p.1292) filho de Deus e da virgem Maria, esta última, por seu turno, importante personagem para a compreensão da narrativa a ser analisada nesta pesquisa.

Em meio às mudanças do Antigo para o Novo Testamento, existe uma transformação significativa na representação do feminino, que vai marcar, de modo singular, a visão das mulheres na sociedade cristã ocidental. Assim, a figuração da desobediente Eva, enquanto

imagem feminina que predominou no Antigo Testamento e parece ter influenciado na visão pejorativa direcionada as mulheres daquela época, deu lugar, no Novo, à Maria, símbolo de fé, honra e obediência a Deus, geradora de um novo ideal referencial de mulher. Assim, ainda que de modo diferente essas duas representações bíblicas são instrumentos utilizados para domesticação do feminino.

Segundo Araújo e Fonseca (2012, p. 39), ao estudar a imagem da mulher na Idade Média, percebe-se a coexistência e o sobressalto de dois pontos de vista, “o da mulher essencialmente má e o outro da mulher invocada a ser perfeita. No primeiro, singularmente sobressai a imagem de Eva e, no outro, a de Maria”. Na cultura cristã, “são nos textos bíblicos que, geralmente, os moralistas buscam fundamento para, a partir de Eva e de outras mulheres bíblicas, construir a sua postura misógina, não raras vezes de cruel derrogação”.

### 1.1.1 PUNIÇÃO PARA A MULHER DESOBEDIENTE

Para Vasconcelos (2005. [s/p]), a representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada a imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição na sociedade ocidental.

No livro de gênesis, temos o relato dos momentos em que Deus criou a terra, o céu, as águas, a luz, os animais, as plantas, o homem e, por fim, a mulher. Aqui, vamos nos deter a origem desses dois últimos, ao salientar a demarcação de papéis de gênero reforçados desde os primeiros registros desses textos bíblicos:

Formou, pois, o senhor Deus o homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente. (...) e pô-lo no paraíso das delícias para ele o hortar e guardar. Disse mais o senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhes um adjutório semelhante a ele. (...) E da costela que tinha tirado de Adão formou o senhor Deus a mulher, e a trouxe a Adão. Então disse Adão: eis aqui agora o osso de meus ossos, a carne de minha carne. (GÊNESIS, 1963.p.6-7).

Na representação bíblica, Deus, pela necessidade de ter alguém que cultivasse e cuidasse do Paraíso, criou o homem e a ele instruiu sobre a única coisa que não deveria ser feito: comer o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Depois disso, por considerar importante que o homem tivesse uma companhia, Deus resolveu criar-lhe uma companheira: a mulher. Assim, já aqui se percebe a demarcação social de papéis entre homens e mulheres, pregados e perpetuados pela narrativa bíblica: Adão, o homem, o primeiro, cultiva e guarda o



Paraíso, representação metafórica do mundo; Eva, a segunda, a que surge da dependência de um corpo anterior ao seu (“E da costela que tinha tirado de Adão formou o senhor Deus a mulher”), por sua vez, carrega apenas a função de atender as necessidades do homem solitário.

Conscientes de que as representações bíblicas constroem padrões comportamentais e exercem influência nas formas de enxergar o outro, pode-se começar a depreender, por essa passagem, a submissão feminina em relação ao homem. A função destinada a Eva é servir de auxílio a Adão, feita para ele, e oriunda de uma parte dele. Nessa lógica, somos levados, inconscientemente, a acreditar que a mulher é, de certo modo, propriedade do homem e já veio ao mundo com essa responsabilidade secundária específica. De acordo com (DUBY, 2001, p.161), no livro *Eva e os padres*, Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho, acreditava que a mulher foi criada com o propósito único da procriação. Assim, esta criação estaria relacionada à vontade de Deus de “crescer e multiplicar” (GÊNESIS, 1990, p.15) a humanidade.

Segundo Vasconcelos (2005, apud MURARO, 2001, pp. 70-71), através do mito do Gênesis o homem, “além de culpar a mulher por todos os males da humanidade – representados pela expulsão do paraíso – supera um complexo inconsciente: na criação, quando a mulher é tirada da costela do homem, ele se convence de que pariu a primeira mulher”. Vasconcelos parte da psicanálise para analisar essa tese e, como informa DUBY, considera o mito judaico-cristão como sendo a base da civilização ocidental: “é o mito dos que crêem e dos que não crêem nele, dos antigos e dos modernos, porque o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz”.

Eva, após ter sido criada, reaparece nos escritos para ser tentada pela serpente que a induz a desobedecer à lei de Deus e a comer do fruto proibido, o que se configurou como o “pecado original” e provocou a expulsão dela e de Adão do paraíso. A partir daí ela passa a ser responsabilizada não só pela sua desobediência, mas, também, pela de Adão, como se este nunca tivesse sido alertado e fosse incapaz de se recusar a pecar.

A partir dessa primeira representação feminina desobediente, tem começo a construção do estereótipo da mulher merecedora de punição, aquela capaz de induzir e provocar a desgraça do homem. Com sua decisão “autônoma” de comer o fruto proibido, Eva transgrediu a submissão a ela imposta, primeiramente por Deus (seu primeiro dono), e depois por Adão (seu segundo dono) quando o leva a perdição. Já aqui, podemos traçar um dos principais

perfis femininos arquitetados pela bíblia e perpetuado ao longo dos anos: o da mulher com predisposição ao erro e aos castigos divinos.

Para Vania Nara Vasconcelos (2005, [s/p]), Eva desintegrou a ordem criada por Deus, rompendo com a Ordem do Pai ou falocêntrica, como denomina Silva (2010, p.64), na qual a mulher deve estar sempre submissa para atender os designios de Deus, do pai, do irmão, do marido e até mesmo do filho. Ela foi criada para ser passiva, no entanto, subverte essa ordem ao fazer o homem pecar e, então, Deus a posiciona no seu lugar “adequado”, punindo-a com a submissão ao homem.

Além de sua transgressão em provar da árvore do conhecimento, Eva ainda é culpabilizada pela descoberta da sexualidade, depois de ela e Adão terem saboreado o fruto proibido: “no mesmo ponto se lhes abriram os olhos e tendo conhecido que estavam nus, coseram umas folhas de figueira, e fizeram pra si umas cintas” (GÊNESIS, 1963, p.7). O conhecimento de que estavam nus parece ter sido suficiente, segundo Salles & Ceccarelli (2010, p.17), para Santo Agostinho sexualizar o pecado original, transformar a mulher em única responsável pelos desejos impuros relacionados ao corpo (devendo, por isso, serem negativados e oprimidos, principalmente em se tratando do feminino) e criar o maior legado da moral cristã, a exaltação da virgindade feminina.

Configurado o pecado, vem as punições. À mulher Deus proferiu: “eu multiplicarei os teus trabalhos, e os teus partos. Tu em dor darás à luz os teus filhos, e estarás sob o poder do teu marido, e ele te dominará”, enquanto a Adão, disse “a terra será maldita na tua obra: tu tirarás dela o teu sustento com muitas fadigas todos os dias da tua vida. (...) Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tornes na terra, (...)” (GÊNESIS, 1963, p.7).

Quando Deus diferencia os castigos destinados ao homem dos atribuídos à mulher, ainda que ambos tenham cometido o mesmo “pecado”, ele acaba por demarcar as relações desiguais de gênero, e essa representação reflete diretamente nos papéis sociais que fundamentam e organizam a sociedade ocidental e o sistema patriarcal, nos quais mulheres são responsáveis pelos filhos e vivem sob o poder e domínio de seus maridos, ao passo que, aos homens, cabe o trabalho na esfera pública para, dele, retirar o sustento da família. George Duby (2001, p. 45) corrobora com o reforço desses papéis ao aferir que o livro de Gênesis “relata a origem do gênero humano, a fundação da ordem moral, da ordem social e fornece, em algumas frases, uma explicação global da condição humana”.

Desse modo, concluímos que a representação de Eva, a maior “pecadora” do Antigo Testamento, disseminou um referencial pejorativo do feminino, caracterizado pela

transgressão da mulher à ordem de Deus (pai) e de Adão (marido). Devido à forte influência desse discurso na sociedade ocidental, as atuais descendentes de Eva, que ou se comportam de maneira semelhante a ela ou buscam autonomia, descoberta e liberdade sexual, estão sendo condicionadas à repressão e a punição, agora não mais diretamente por parte de Deus, mas a partir das figuras de seus representantes da Terra: pais, irmãos, parceiros, chefes, pastores, padres, professores e maridos.

### 1.1.2 MARIA, A VERSÃO REDIMIDA DE EVA

Maria, uma das representações femininas mais influentes do Novo Testamento, parece trazer consigo, desde os seus primeiros registros, a missão de ser a versão redimida de Eva. A partir dela, inicia-se o processo de construção de um novo padrão feminino. Essa nova imagem, não menos opressora, deveria superar a desobediência de Eva e reestabelecer a relação das mulheres com Deus. Assim, em oposição à transgressão da primeira Mulher, Maria torna-se o exemplo de obediência e subserviência às ordens divinas. Concebida sem pecado, sua pureza a afasta do estigma da sexualidade e dos prazeres carnis, o que a aproxima de Deus e estabelece um nível de superioridade em relação a Eva.

Tal aspecto reflete diretamente na forma estereotipada como os cristãos passam a enxergar e tratar as suas mulheres, tendendo a se fazer as seguintes associações: a mulher que ousa comportar-se semelhante a Eva terá, como consequência, a punição e a perdição; assumir a conduta de Maria, por outro lado, levaria a mulher a ser adorada, respeitada e conduzida a salvação eterna.

Para Vasconcelos (2005. [s/p]), “Maria representa a mulher pura, assexuada, aquela que foi capaz de conceber sem pecar. Enquanto Eva carrega o castigo na sua sexualidade, Maria a redime, mostrando que é possível à mulher cumprir o seu papel de procriadora”, sem exercer o desejo carnal. Nessa perspectiva, Maria passa a ser apenas um ideal, “o qual as mulheres comuns nunca alcançaram. Para os padres da Igreja, é preciso perseguir este modelo, ainda que não seja possível conceber virgem é necessário conceber sem prazer sexual”.

Maria, a escolhida de Deus para mãe de seu filho, além de sua fé inabalável, tinha a virtude feminina mais enfatizada e valorizada do discurso cristão ocidental: a virgindade. Esta, a qual representa a pureza e a ausência da sexualidade, é o estado que as mulheres precisam preservar para serem bem vistas por Deus e respeitadas pelos homens. Maria é a única virgem concebida sem pecado: “Eis que conceberás no teu ventre, e dará à luz um filho,

e pôr-lhe-ás o nome de Jesus; (...). E disse Maria ao anjo: como se fará isso, pois eu não conheço varão? E respondendo o anjo, lhe disse: O Espírito Santo descerá sobre ti”. Depois do discurso sacralizador da virgindade feminina, Maria conclui, proferindo uma de suas frases mais celebres “Eis aqui a escrava do senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”. (LUCAS, 1963, p. 971).

Nas passagens acima estão reunidas as principais funções do feminino na ideologia cristã, e, conseqüentemente, os grandes dilemas vivenciados por mulheres da cultura ocidental, que não conseguem ou tem dificuldade em se tornar o reflexo do padrão que defende a importância da virgindade feminina, acredita na sexualidade da mulher relacionada apenas à maternidade, desvincula o prazer da atividade sexual e determina a submissão como uma condição inerente a todas as mulheres.

O estereótipo de Maria exerce tamanho poder sobre a conduta e a visão do feminino no plano da exterioridade que, segundo Vasconcelos (2005, [s/p]), a mulher transgressora do modelo “esposa-mãe-dona-de-casa-assexuada” chega a ser considerada uma alteração do quadro normal da mulher, e deve, por isso, ser punida socialmente. A representação da Virgem projetou um ideal de mulher honrada, divinizada, que se contrapõem a imagem de Eva, sua versão “desviada” e muitas vezes associada, à prostituição. Assim, as dicotomias Eva X Maria e Prostituta X Santa são claramente evidenciadas.

Maria, exemplo de mulher para a cultura ocidental, além de surgir como a versão redimida de Eva, pressupõe a exclusão dessa enquanto referencial feminino a ser seguido. Se Eva é o exemplo e aviso de tudo o que não deve ser feito e do que pode acontecer com uma mulher que ousa transgredir o patriarcado e vivenciar a própria sexualidade, Maria é o parâmetro pelo qual o sujeito feminino, ao se espelhar nele, pode encontrar segurança e respeito por parte da sociedade.

### 1.1.3 RUTH E OUTRAS MULHERES PÓS-EVA

Ruth, mesmo nome da protagonista a ser analisada no conto proposto para estudo nesse trabalho, é uma personagem bíblica que tem sua história narrada no Antigo Testamento. Foi uma jovem e submissa viúva que se dedicou a cuidar de sua velha sogra Noemi, após as mortes de seu marido, sogro e cunhado. Ruth, apesar do pedido feito pela sogra para que ficasse em Moab, deixa o seu povo, suas crenças e segue até Belém, terra natal da família de seu finado marido, para lá viver de apanhar as espigas que escapassem das mãos dos

segadores. Ao chegar lá, Ruth não demora a “achar graça” ao se ver diante de Booz, o parente mais próximo de seu sogro (Cf.:RUTH, 1990, p.282-286). Casa-se novamente.

Ruth é a segunda mulher, depois de Eva, a protagonizar na narrativa bíblica do Antigo Testamento. Com sua benevolência e obediência a Deus e a sua sogra, torna-se um exemplo de virtude a ser seguido e, por isso, foi recompensada pelo plano divino, encontrando um marido e constituindo uma família.

Um olhar atento sobre as personagens femininas nos textos bíblicos pós Eva, porém, evidencia uma tendência dessas narrativas em trazer mulheres representadas que contraponham sua “obediência recompensada” à “desobediência castigada” de Eva. O livro de Ruth, por exemplo, como consta na introdução do mesmo, foi escrito em um período em que “era preciso recomeçar tudo. As antigas tradições tinham sido esquecidas, e se tornava necessário fazer sérias reformas que atingissem os fundamentos econômicos, políticos e sociais, para que o povo de Deus não perdesse sua identidade” (RUTH, 1990, p.282). Ao colocar Ruth, a moabita, como protagonista de um texto bíblico, é enfatizado o teor “restaurador” do amor de Deus, que salva a todos, até mesmo uma estrangeira, desde que esta demonstre submissão a seus designios.

A subserviência a Deus por parte das mulheres bíblicas se repete também nos livros de Judite e Ester. Judite, viúva corajosa, honrada e muito temente ao Senhor, que, em seu nome, torna-se capaz de matar, simboliza a força da fé, esta que é capaz de transformar uma “mulher frágil” em um adversário digno de um grande exército (Cf.: JUDITE, 1990, p.517-531). Ester, por outro lado, tende a enfatizar o papel subserviente feminino. Quando o rei Assuero, embriagado, “alegre por causa do vinho” (ESTER, 1990, p.533), ordena a rainha Vasti que exhiba sua beleza para o povo e os oficiais, encontra, na própria esposa, a recusa. O rei, furioso com a desobediência e audácia feminina, resolve destituí-la do título de rainha como exemplo de punição a toda e qualquer mulher que desobedeça suas ordens. Mais tarde, Assuero substitui Vasti por Ester, uma jovem judia escolhida entre muitas para ser a nova rainha. Ester, desse modo, torna-se símbolo de devoção e fé ao cair sob os pés do rei Assuero, convencendo-o, com esse gesto, a interceder pela libertação de seu povo, o qual estava para ser perseguido e exterminado (Cf.: ESTER, 1990, p.531-544).

Assim, destacamos a presença recorrente de mulheres obedientes nas narrativas bíblicas pós- Eva, as quais, não poucas vezes, se prostram com o rosto no chão diante Deus ou de um homem, para alcançarem, através de uma postura extremamente submissa, um pouco de gratificação. Eva desobedece e é punida, bem ao contrário de Ruth, Judite, Ester e Maria, as

quais se oferecem como escravas da vontade divina/masculina. Personagens bíblicas que se configuram como verdadeiros instrumentos utilizados por Deus – e pelo homem – para sustentar, através de um comportamento devoto e subserviente, o sistema que confere poderio e privilégios aos sujeitos masculinos.

### 1.1.3 OPRESSÃO À MULHER

Falar em opressão feminina é inevitavelmente recair nos preceitos cristãos e patriarcais, já que estas são as principais instâncias que fomentaram a dominação masculina sobre as mulheres e funcionam como forças mantenedoras das relações desiguais de gênero. Se o cristianismo, como debatido até aqui, contribui para essa opressão a partir da repressão da sexualidade feminina, o sistema patriarcal ultrapassa o meio sexual e sujeita a mulher, também, no campo social, ao predeterminar seu espaço como o privado (casa), além de, segundo Alves e Pitanguy (1991, p.12), querer mantê-la casta e resignada a procriar e a obedecer às ordens do pai ou do marido.

Para Elizabeth Badinter (2005, p.24), “as mulheres são uma classe oprimida e a sexualidade é a própria raiz dessa opressão”, o que torna a relação da mulher com o seu corpo um fator condicionante na construção da subjetividade feminina, bem como na forma como os demais sujeitos irão enxergá-la.

De acordo com Silvia Nunes (2000, p. 255) “a concepção de mulher que predominou da Idade Média até o Renascimento é oriunda do cristianismo primitivo e associa a mulher ao carnal e ao desregramento sexual”, de forma que, entender a mulher como desregrada sexualmente implica a necessidade de controle dos seus desejos e pulsões, o que cria mecanismos ideológicos de repressão à sua sexualidade. O mais forte deles surge no final da Idade Média, quando, segundo Vasconcelos (2005, [s/p]), é instituído o celibato dos padres, fazendo com que a igreja começasse a produzir uma literatura misógina, criando a dicotomia Eva/Maria.

A criação das personagens bíblicas femininas e, principalmente, o modo como elas são assimiladas pela sociedade é perigoso e faz reforçar, literalmente, a opressão sexual da mulher. Tomada como a mulher ideal, a partir de sua sagrada assexualidade, Maria condiciona as mulheres do plano real, da sociedade ocidental, a abdicar do prazer tanto na esfera sexual, quando concebe sem pecado original (virgem), quanto na esfera social, sua submissão ao divino (homem). Maria perde a autonomia sobre seu corpo e sua vida, não

escolhe ser mãe por prazer, é condicionada a isso pelo desejo supremo de um homem (Deus) que desejou ser pai naquele momento. A este não importava que sua decisão trouxesse problemas para aquela mulher como, por exemplo, a recusa do homem que ela havia escolhido para casar ou mesmo o julgamento social que poderia receber por sua gravidez fora do matrimônio.

A sujeição da Virgem, o estar sempre no lar e pronta para atender aos designios de um Deus, ainda que significasse um sofrimento silencioso e solitário, se aproxima significativamente do estereótipo feminino criado pelo sistema patriarcal, no qual o homem, mantenedor da casa, tinha o direito de controlar a vida da mulher como se esta fosse sua propriedade, a ela cabendo os papéis de “dona-de-casa, reprodutora, educadora dos filhos do casal e prestadora de serviços sexuais ao seu marido. (...) Tratava-se de um sistema em que a possibilidade de que a menina-moça-mulher viesse a transgredir e sentisse o “sabor” da liberdade era muito restrita. Restava-lhe o prazer de agradar. (BORIS et al, 2007, p.456).

Segundo Boris (2007, P.458), a religião, principalmente a Igreja Católica, foi responsável por um importante papel no Sistema Patriarcal, atuando como uma mantenedora de seus valores vigentes.

Na família patriarcal, havia uma mulher dominada, que não podia realizar seus desejos sexuais e profissionais. De acordo com D'Ávila Neto (1980), a exaltação da mulher virgem era chamada de “madonismo” (p. 48). Havia tantos pudores na educação sexual das moças que lhes era negado o direito de adquirir conhecimentos acerca da sexualidade antes do casamento. Devido a este tabu, a primeira experiência sexual era vivenciada com culpa e vergonha. (BORIS, 2007.p. 461).

Em síntese, conclui-se que a opressão feminina se dá, em sua gênese, pela falta de autonomia da mulher sobre seu corpo e da exigência dos papéis sociais a que está obrigada a desempenhar. Para a ordem cristã e patriarcal, a mulher é condicionada a abdicar do prazer sexual, tendo que permanecer solteira (na solidão) e virgem para não pecar ou receber punição. “O melhor é o homem não tocar a mulher. Todavia, para evitar a fornicação, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido” (CORÍNTIOS, 1990, p.1399).

Assim visto, o casamento se configura como uma ferramenta de controle e opressão sexual feminina. Ao colocar a reprodução enquanto fator determinante para a realização da cerimônia matrimonial é depositado, na mulher, uma pressão psicológica voltada para uma suposta vocação materna, criando-se, com isso, o que Badinter (2005, p.164) chamou de “mito do instinto materno”. Desse modo, ao sair do espaço privado para o campo público, cabe a mulher, mesmo na contemporaneidade, ainda que trabalhe fora, a realização das atividades domésticas e o cuidado com os filhos e o marido, mantendo-se, sempre, em uma

condição de submissão financeira, sexual e afetiva. O texto bíblico torna, portanto, sagrada a dominação do homem sobre a mulher. No ponto de vista das escrituras cristãs, ter um sujeito que lhe é submisso é um direito divino e inquestionável do homem, já que seu infortúnio não é nada mais que a consequência da transgressão e da desobediência feminina.

## 1.2 ESCRITA E LIBERTAÇÃO

### 1.2.1 ESCRITA E MULHER

Cercada por discursos opressores, a mulher, ao longo da história, tem buscado alguns mecanismos de resistência e libertação. A entrada definitiva feminina no mercado de trabalho na virada da década de 1990, segundo Badinter (2005, p. 13), fez com que a mulher conquistasse certa independência. “A partir do momento em que se ganhava o próprio sustento e o dos filhos, podia-se deixar um homem a quem já não se suporta” (2005, p. 13). Além da independência financeira, as mulheres conquistaram, também, o direito ao divórcio, ao uso de métodos contraceptivos e até ao aborto, em alguns países.

Essa mudança de papéis sociais no plano da exterioridade reflete diretamente nas produções literárias de autoria feminina e, conseqüentemente, na forma como as personagens mulheres passam a ser representadas. Vista como uma ferramenta de libertação das amarras e dos ditames patriarcais, a escrita, tanto para as autoras quanto para suas personagens, funciona como método de expressão, luta e contestação.

Nesse sentido, dominar a escrita torna-se sinônimo de poder. Não à toa, durante muito tempo esse foi um privilégio exclusivamente masculino. Inicialmente, as mulheres escritoras que quisessem ter suas obras publicadas deveriam assiná-las com pseudônimos masculinos, do contrário, seus textos não conseguiriam ocupar a esfera pública. Para Silva (2010, p.23), “a presença de mulheres com perfil de criadoras, de ficcionistas, parece não ter sido significativamente alterado ao longo do último século”, embora haja atualmente, segundo o pesquisador, uma “tendência de homens e mulheres se engajarem para tentar resgatar autoras que foram silenciadas por motivos de natureza sociocultural” (2010, p.23).

Segundo Virginia Woolf (1985, p.55), houve um silenciamento das mulheres no campo da ficção, tanto das autoras, como das personagens. Sendo assim, um pensamento preconceituoso sobre a escrita feminina disseminado por muito tempo foi o de acreditar que, por ter seu espaço delimitado socialmente pelo privado, a mulher não teria o conhecimento



necessário para discorrer sobre o mundo, tornando suas produções superficiais, “simplistas”, com temáticas “açucaradas”. Esse silenciamento das mulheres que escrevem reflete, segundo Silva (2010, p.25), no espaço pouco significativo e limitado que elas ocupam no cânone literário, principalmente o brasileiro.

Quando as mulheres passam a ter liberdade de escrita é iniciado um processo de libertação feminina no campo ficcional. Elas enxergam, no ato de escrever, uma “fenda para subversão” (SILVA, 2010, p. 62) e constroem sua própria representação, a partir de suas perspectivas, desejos e anseios. Assim, as personagens femininas deixam de ser “passageiras da voz alheia” (BRANDÃO, 2004, p.11), ou seja, deixam de ser uma mera projeção da mulher ideal construída pelo registro masculino.

Em se tratando das representações femininas criadas pelas escritoras, se percebe que, no plano ficcional, algumas mulheres já apresentam, por exemplo, uma maior liberdade quanto ao uso da linguagem erótica e/ou no tratamento das questões sexuais, o que para Silva (2010, p.134) se configura na busca dessas personagens por uma autonomia corporal, a partir de uma extrema erotização do corpo e da fala.

Mas, lembra Silva, paralelo a essas mudanças, mesmo no plano ficcional, de modo geral, a mulher ainda continua sendo representada atuando na sociedade em condições inferiores e dependentes do homem, ora reproduzindo ora agredindo as estruturas da ordem do pai, assumindo, assim, uma postura ambivalente:

Este paradoxo se torna perceptível quando lemos os textos de ficção e neles presenciamos a agonia das mulheres que primeiramente se julgam liberadas da servidão à ordem de base falocêntrica e, depois de uma longa caminhada em busca de um encontro consigo mesmas, refletindo criticamente a sua condição no imaginário social em que vivem, sentem, no campo afetivo-sexual, a obrigatória necessidade de retornar ao julgo em que estavam: não porque impossível de experienciar a liberdade, de querer a emancipação, mas tão somente porque, fora da ordem, percebem que não há pertencimento, não há interpretação positiva, isto é, fora da ordem, este sujeito se torna uma espécie de *outsider*, um estranho que busca uma saída numa engrenagem que, em princípio, não tem entrada porque não existe (SILVA, 2010, p.64).

Compactuando do pensamento de Silva, Adelaide Miranda (2015, p.88) afirma que a mulher, quando escreve, não sabe se pode desafiar e vencer um precursor masculino, e nem mesmo invocar o corpo feminino, pois tem, antes, a necessidade de lutar contra as marcas deixadas pela “socialização tradicional da mulher”, travando batalhas não só contra a leitura do mundo pelo homem, mas contra a leitura que faz do mundo e de si mesma. Demonstrando, assim, que as personagens, ocupantes de espaços determinados por suas autoras, são reflexos fictícios das mulheres e seus lugares sociais advindos do plano real.

## 1.2.2 A ESCRITA DA MULHER CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector, nascida na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920, naturalizou-se brasileira ao chegar às terras tupiniquins ainda bebê. Segundo Benjamin Moser (2001, p.12), Clarice se tornou “uma das figuras míticas do Brasil, a esfinge do Rio de Janeiro”. Uma comparação feliz se levado em consideração à complexidade atribuída a sua pessoa e a sua obra, principalmente se considerarmos a dificuldade encontrada por parte daqueles que se arriscam a decifrar a escrita clariceana, tida por muitos como hermética.

Na biografia que fez da autora, Moser (2011, p.13) menciona o fato de que, para alguns, Clarice era uma estrangeira, mas não por ter nascido fora do Brasil: “Clarice era estrangeira na terra”. O mesmo efeito de estranhamento tão recorrente em sua obra parece atravessar a vida da autora, de uma singularidade perturbadora, como se sua vivência tivesse se limitado a estranhar-se constantemente diante do mundo: “tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer” ela teria escrito. (MOSER, 2011, p. 27). O biógrafo acrescenta, ainda, que, de algum modo, Clarice sentia que não pertencia a nada nem a ninguém, tinha um ar indecifrável que fascinava e inquietava todos que a encontrava.

Clarice Lispector nunca foi uma mulher de personalidade comum. A própria autora se afirmava tão misteriosa ao ponto de nem mesmo ela se entender. Esse caráter enigmático de sua vida pessoal reflete na sua obra, denominada por grande parte dos críticos como introspectiva, existencial e de difícil acesso.

Clarice, em sua última entrevista à TV, disponível no Youtube no canal TV Cultura Digital, sentenciou: “quando não escrevo estou morta”, demonstrando claramente a importância que o ato de escrever desempenhava em sua vida. Ela considerava a escrita literária uma atividade que precede, antes de tudo, a prática reflexiva:

Eu escrevia quando era criança, mas não tomara posse de um destino. Quando tomei posse da vontade de escrever, vi-me de repente num vácuo. E nesse vácuo não havia quem pudesse me ajudar. Eu tinha que eu mesma me erguer de um nada, tinha eu mesma que me entender, eu mesma inventar, por assim dizer, a minha verdade. (MOSER, 2011, p.147).

Já na dedicatória de *A hora da estrela*, (1997, p.17), a autora acrescenta: “eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever”. Essas informações pessoais que a própria Clarice nos fornece parece refletir-se em sua obra, de modo que a meditação estaria para a densidade psicológica representada pela experiência interior vivenciada por muitas de suas personagens, bem como para a problematização que provoca

quanto aos papéis sociais desempenhados pelas mesmas em suas narrativas. A sua concepção de escrita enquanto exercício árduo, por sua vez, estaria representada na dificuldade enfrentada por suas protagonistas ao se arriscarem no ato de escrever, como o percebido no narrador Rodrigo S.M, de *A hora da estrela*. Escrever, nesse sentido, seria, antes de tudo, um processo consciente, um produto da reflexão, do conhecimento de si e do mundo e da necessidade de se tornar público esse conhecimento, o que, por conseguinte, seria uma forma de libertação, principalmente no que se refere ao oprimido universo feminino.

Para Bernadete Grob-Lima (2009, p. 214), Clarice concebe o saber como a energia que move o mundo, e isso teria sido um fator condicionante na modernidade de sua escritura, “uma ficção consubstanciada pela racionalização da experiência existencial que implica a discursivização do saber”, saber este que se efetiva através da narrativa e da produção do texto literário.

#### 1.4.1 A ESCRITA PARA ALGUMAS PROTAGONISTAS CLARICEANAS

A presença de personagens que escrevem ou tem como profissão a datilografia é bastante recorrente nas narrativas de Clarice Lispector. A preocupação e a importância dada por ela ao ato de escrever se reflete na capacidade ou não de suas protagonistas conseguirem realizar bem essa tarefa. Assim como para a autora, a escrita aparece em alguns de seus enredos como forma de um processo de conhecimento de si, libertação e protesto, o mesmo parece acontecer com várias de suas personagens.

No conto “Miss Algrave”, a personagem Ruth é datilógrafa e costuma escrever cartas para um jornal no desejo de expor a sua opinião enquanto cidadã e leitora. Miss Algrave faz uso dessa habilidade, frequentemente, para protestar. “De vez em quando Miss Algrave escrevia uma carta de protesto para o *Time*” (LISPECTOR, 1998, p.14). Nas cartas que escrevia, ela externava suas insatisfações para com o avanço da modernidade e propagava sua visão cristã em relação às práticas mundanas ocidentais.

A escrita também aparece como tema em *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, no qual a protagonista, Lóri, escrevia para expressar suas angústias. A personagem costumava passar a noite refletindo sobre si e a escrita, conseqüentemente, surgia como produto desse processo. Escrever foi a forma encontrada por Lóri para buscar paz interior, “escrever aliviou-a” (LISPECTOR, 1998, p. 39). Lóri, quando não podia ou não conseguia falar, sentia a necessidade de escrever. E o mais interessante é que, a partir do momento em que esta

começa a escrever sobre si, vai conquistando sua autonomia em relação a Ulisses, homem pelo qual era emocionalmente dependente.

Em *A hora da estrela*, Macabéa, assim como Ruth Algrave, também era datilógrafa, porém não escrevia muito bem e talvez isso se deva o fato de ela não ter conseguido atingir um conhecimento pleno de quem era e em quais condições de subalternidade estava posicionada. Nesse sentido, sua dificuldade na compreensão de si e dos outros acabava por incapacitá-la de escrever proficientemente.

Para além da obra clariceana, a escrita funciona como uma forma importantíssima de representação, seja de sujeitos ou de ideologias. É inegável, por exemplo, o poder que a literatura bíblica exerce sobre o comportamento humano. O registro escrito das leis é o que garante a validação de suas ideias. Estar representado de forma escrita é, muitas vezes, passar a existir. Por isso, escritoras mulheres, quando escrevem, tendem a enxergar, nesse ato, uma maneira de mudar o curso feminino na história. Assim, a prática da escrita pode garantir a mulher uma nova construção do seu papel na sociedade, bem como garantir espaços e desconstruir valores sexistas e falocêntricos.

A escrita, assim vista, seja no texto de Clarice Lispector ou no de outras escritoras, torna-se uma ferramenta de libertação, protesto e exteriorização de sentimentos. A percepção da força desse ato no processo de libertação feminina, pelas mulheres do plano real, é refletida nas novas configurações e papéis sociais construídos pelas representações ficcionais: “ao introduzirem novas conexões pessoais e espaciais, os romances sugerem uma nova forma de perceber o espaço, mais dinâmico, inclusivo e heterogêneo”. (MIRANDA, 2015, p. 85). Pensamento corroborado por Silva (2010, p.69), que defende que “as mulheres representadas são, de certa forma, uma projeção inconsciente das mulheres reais absorvidas e traduzidas em ficção pelas mulheres escritoras”.

As personagens clariceanas que escrevem, além de tornarem evidente a fascinação da autora pelo ato de escrever, são representações de sujeitos femininos que buscam, através da escrita, encontrar sua própria identidade (Lóri), perder-se na dificuldade de resistir ou de saber quem se é (Macabéa) e protestar (Miss Algrave). Todas reforçando o pensamento clariceano de que a precede o autoconhecimento, a legitimação de identidades e a libertação do próprio eu.

## SEÇÃO 2 – A SEXUALIDADE DA MULHER CRISTÃ EM “MISS ALGRAVE”

### 2.1 A PASSIVIDADE DE RUTH

O título do conto faz menção à expressão inglesa “Miss” (pronome de tratamento “senhorita”) e Algrave, junção de outras duas palavras inglesas, realizada por Clarice Lispector, para batizar o sobrenome de sua protagonista. “Algrave” é uma palavra composta formada pelo advérbio All (totalmente, completamente, inteiramente) e o substantivo Grave (sepultura, túmulo), como observado no *Dicionário inglês-português*, de Amadeu Marques (2009, p.33-239-334). A partir dessas significações e algumas montagens frasais na tentativa de encontrar uma tradução coerente para essa expressão, chegamos ao possível resultado de “Senhorita totalmente sepultura”, “Senhorita completamente túmulo”, ou “Senhorita absolutamente morta”. As versões traduzidas por nós para o título desta narrativa, embora cause certo estranhamento quanto a estrutura sintática, semanticamente parece coerente com o aspecto psíquico exposto pela protagonista ao longo do enredo. A palavra Algrave pode está associada também ao sentido de algarve, algarvio que significa tagarela, uma leitura também possível se levado em consideração que a personagem tinha mania de protestar, falar, tagarelar aquilo que pensava.

Ruth Algrave era uma mulher acostumada a reprimir seus sentimentos, “enterrar” os seus desejos, e daí a importância da imagem do túmulo. Ela era uma verdadeira sepultura, a cova na qual jaziam seus anseios e pulsões. Desse modo, a ideia de morte subentendida no título pode ser compreendida pelo “assassinato” que faz a personagem de sua própria subjetividade, motivada pelos preceitos bíblicos que a transforma em uma mulher que abdicou da vida e da vivência da própria sexualidade.

O narrador do conto, de terceira pessoa, pode ser considerado como um narrador-analítico-onisciente, definido por Maria Lúcia Del Farra (1978, p.27) como aquele que tem “inteira liberdade de trânsito pelas mentes de suas personagens e de estabelecimento de comentários”. Ele não só observa e conhece os pensamentos da personagem central, como deixa transparecer no seu discurso marcas da ideologia cristã, alicerçada pela ótica sob a qual o narrador nos apresentará Miss Algrave. A ideia da presença ideológica enquanto aspecto norteador do ponto de vista narrativo está em conformidade com pensamento de Dal Farra (1959, p.52) quando esta defende que todo narrador acarreta uma tomada de partido, quer seja explícita, em se tratando do narrador, quer seja implícita, por parte do autor.

No conto, inicialmente, há o predomínio da voz de um narrador de gênero impreciso. É ele (ou ela) quem constrói o estereótipo da personagem central e quem expõe a sua história em um primeiro momento. É por meio dele que conhecemos a história de Ruth Algrave, uma datilógrafa filha de um ex-pastor, que morava em Londres e vivia um conflito religioso sexual, de recusa a vivência da própria sexualidade em detrimento da virgindade exigida pelos preceitos cristãos.

Nessa protagonista, percebemos a representação da mulher no seu complexo processo de construção subjetiva, sempre dividida entre a essência e a aparência, apesar de, na maioria das vezes, atender ao padrão de feminino imposto pelo cristianismo nas sociedades ocidentais. Miss Algrave, como era chamada pelo chefe, exerce a passividade, a inércia cristã frente aos desígnios de Deus. Assim, a mulher representada neste conto por Clarice, muito mais do que os homens expostos nessa ficção, tem o dever de adequar seu comportamento ao referencial bíblico, temer o julgamento divino e humano e estar sempre condicionada a vigilância, principalmente de seu próprio corpo.

Tais condições podem ser percebidas já no primeiro parágrafo do conto, quando o narrador afirma que “ela era sujeita a julgamento. Por isso não contou nada a ninguém. Se contasse, não acreditariam (...)” (LISPECTOR, 1998, p.13). Esse trecho sinaliza para o fato de ela ter omitido alguma informação sobre si pelo receio de ser julgada. Esse medo da represália social, atrelado à prática de externar o que realmente se faz ou sente, é o que influencia a protagonista a viver de aparência, a dissimular e/ou recalcar seus sentimentos.

O narrador marca a passividade de Ruth, ainda no primeiro parágrafo, ao sugerir que a personagem oculta para não ser julgada. O ato de dissimular nesse contexto é, no sentido literal, a prática feminina de não se deixar perceber, encobrir astuciosamente fatos ou vontades. Ao usar esse artifício, Miss Algrave evidencia sua personalidade ambivalente, de alguém que sente e faz, mas que, por algum motivo, precisa esconder. É uma passividade aparente, mas, ainda assim, é passividade. Clarice não revela nos vinte e três parágrafos seguintes o que estava sendo dissimulado pela protagonista. Esse suspense pode levar o leitor a pressupor que algo de obscuro aconteceu na vida daquela mulher, tendo em vista que ela acumula e se sufoca de informações que não contou para ninguém. Nesse sentido, é sob a perspectiva de um narrador irônico que conhecemos Miss Algrave. É a partir do seu olhar enquanto o outro, observador e juiz, que o leitor tem os primeiros contatos com a personagem feminina.

Sendo assim, a passividade de Ruth se configura no medo de pecar e ser julgada por Deus e pelos homens. Medo justificado, principalmente, pela repressão e dissimulação daquilo que sente ou faz. Ela é passível, inclusive, quando tem sua história contada pela perspectiva de outrem (narrador). Conscientemente ou não, grande parte das características passivas da protagonista está presente na descrição da personagem feita pelo narrador.

### 2.1.1 A “SEXUALIDADE” CRISTÃ

Como expusemos anteriormente, nas sociedades cristãs a mulher, para não ser julgada e castigada, tende a ser estimulada a perseguir o referencial bíblico de Maria, que tem como base fundamental sua assexualidade. Desta forma, as descendentes da Virgem, como Ruth Algrave, são levadas a reprimir e negar seus desejos sexuais ou somente vivenciá-los no matrimônio, com fins reprodutivos. É assim que, no segundo parágrafo do conto em tela, o narrador faz o relato de uma “lembrança horrível” que atormentava Ruth. Só a partir desse ponto da narrativa se começa a perceber a natureza do conflito sexual que envolve a personagem:

Quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo. Se era culpada, ele também o era. (LISPECTOR, 1998, p.13).

Como observado no fragmento anterior, um dos tormentos da protagonista é lembrar-se de sua primeira experiência sexual, vivenciada ainda na infância. Tal sensação é provocada pela sua consciência cristã que a adverte sobre uma possível desobediência à conduta da pureza feminina, fazendo-a sentir-se culpada e atormentada por uma brincadeira infantil de cunho sexual (provavelmente inconsciente).

A infância é o período da vida humana em que as ações não são movidas pela racionalidade, é a fase na qual predomina os instintos. Segundo o psicanalista Bruno Bettelheim (2014, p. 90), na infância a racionalidade ainda tem pouco controle sobre o inconsciente da criança, e por isso esta é arrebatada por sua imaginação sob a pressão de suas emoções e conflitos não resolvidos. Quando o narrador relata essa experiência de Ruth, vivenciada nesse período, a sexualidade passa a ser entendida como algo instintivo, inerente ao homem e, conseqüentemente, a personagem representada. Enquanto criança, Ruth participava daquela brincadeira sem culpa. O sentimento de culpa e vergonha só aparece em

sua adolescência e em sua fase adulta, quando, agora, munida pelo discurso cristão, consegue enxergar na vivência da sexualidade infantil uma atitude pecaminosa.

Ruth sente culpa após reavaliar e reprovar seu comportamento infantil. Percebe que, naquele momento, ainda que inocentemente, externou uma sexualidade que deveria ser silenciada. Fugiu, ainda que sem intenção, do padrão assexuado de Maria. A consequência dessa culpa é a tentativa da personagem em controlar, com maior rigidez, suas pulsões sexuais, evidenciada pelo narrador na construção do seu estereótipo.

A virgindade, para o cristianismo, como discutido até aqui, é o estado de graça da mulher. Dele ela só pode se desfazer pelo dever da maternidade e só depois do casamento. Logo, seguindo a teoria cristã, toda mulher não casada tinha o dever de manter-se virgem. Nesse sentido, no terceiro parágrafo do conto em análise, o narrador, sabendo da cristandade de Ruth, afirma, de modo bastante irônico: ela era “solteira, é claro, virgem é claro”, como se não coubesse outro papel para uma mulher proveniente da cultura cristã e patriarcal. (LISPECTOR, 1998, p.13).

Ainda nesse parágrafo, o narrador expõe que Ruth não comia carne por considerar tal prática um pecado, o que só reforça a presença do discurso religioso na narrativa. A carne, nos textos bíblicos, é associada à tentação e ao pecado. Esse gesto repressivo de Miss Algrave representa muito mais do que a exclusão de um alimento, é a própria negação de desejos, é uma forma de mostrar que ela, apesar da vontade, não sucumbe as “tentações da carne” sempre atreladas ao âmbito da sexualidade. O aparente desprezo da personagem pelas pulsões do corpo é enfatizado, também, pela ânsia de vômito que a mesma sentia ao ver mulheres esperando homens nas esquinas, causava-lhe desconforto, inclusive, ver a estátua nua de Eros.

Na mitologia grega, Eros (ou Cupido) era considerado o Deus do amor, possuía um arco do qual disparava flechas (símbolo fálico) de amor contra Deuses e mortais para que estes se apaixonassem. Eros costuma ser representado pela imagem de um belo homem com asas, nu ou seminú, segurando seu arco. A visão daquele corpo másculo e seu objeto fálico apto a promover a realização amorosa e o encontro sexual, despertava o pudor e desprezo de Ruth Algrave, tão comprometida com sua aparente assexualidade.

No quinto parágrafo, o narrador dá mais informações sobre a personagem: Ruth era uma datilógrafa perfeita, descendia de irlandeses, “pele tão clara e fina que parecia uma seda branca” (LISPECTOR, 1998, p.14), tinha cabelos e cílios ruivos, era uma mulher bonita. É interessante observar a presença das cores vermelho (cabelos e cílios ruivos) e branco (pele clara) na caracterização da protagonista. Há na imagem de Ruth uma representação do



dualismo feminino. No conto fazem parte do mesmo corpo feminino, tanto o vermelho (símbolo do desejo, da paixão, da excitação) quanto o branco (símbolo da pureza, inocência e virgindade). Miss Algrave parece ter registrado no seu corpo a presença da sexualidade de Eva e a pureza de Maria, ainda que tente aparentar a existência de um único lado. O vermelho aparece ainda nos gerânios que a personagem cultivava e no macarrão com catchup que ela tanto gostava.

Ruth Algrave usa “os cabelos enrolados na nuca em coque severo” (LISPECTOR, 1998, p.14), o que sugere uma mulher de comportamento rígido e contido. Embora fosse uma mulher bonita, “cheia de corpo e alta” (*ibidem*, p.14), seu chefe nunca havia olhado para ela nem “ninguém havia tocado seus seios” (*ibidem*). Sentia náusea pela bebida e gostava de cultivar gerânios vermelhos. A postura adotada pela personagem parece influenciar na forma como ela é vista pelo outro. Sua aparência e o fato dela não permitir ser tocada reflete uma intensa repressão sexual e psicológica por parte da personagem.

A datilógrafa mostrava grande insatisfação pelo comportamento das pessoas em Londres, o qual considerava amoral. Por vezes “sentia-se ofendida pela humanidade” (*ibidem*). Por isso, costumava escrever cartas de protesto para o *Time*, jornal britânico considerado de elevada reputação com sede em Londres. Como sabemos, todo ato de protesto pressupõe o desejo de uma imposição, seja de pensamentos, crenças ou ideais de um determinado grupo. Protestar é sempre uma tentativa de colonizar o outro a partir do seu ponto de vista. Miss Algrave, portanto, usava suas cartas machistas e conservadoras publicadas no jornal para defender e propagar a repressão sexual feminina, advinda de sua experiência pessoal, enquanto mulher cristã e mantenedora de tais preceitos. Assim, da mesma forma que se obrigava a viver sem sexo, também desejava impor aos outros, principalmente as demais mulheres, essa mesma condição.

Sua atitude e posicionamento eram elogiados pelo seu chefe Mr. Clairson (homem), o que representava a valoração masculina às mulheres que se comportam de modo a não ameaçar as estruturas de domínio patriarcal.

Miss Algrave morava em Londres, onde, segundo o narrador, “os fantasmas existem nos becos escuros” (*ibidem*, p. 13). Devido à repressão sexual, a qual a personagem Ruth se condicionava, podemos interpretar que os “fantasmas” mencionados pelo narrador são metáforas dos próprios desejos e pulsões da protagonista. A interpretação torna-se ainda mais coerente pela escolha de Londres como espaço narrativo, tendo em vista que a cidade foi um

dos primeiros lugares a conceber uma visão mais livre da sexualidade, tendo recebido, inclusive, os primeiros centros de prostituição.

Conforme Regina Navarro Lins (2012, p.18-29), a partir da segunda metade XVII o conceito de amor perde o sentido idealizado e é ridicularizado. O prazer e as paixões começam a ser analisados de forma positiva. É nesse período que, segundo a autora, surgem os bailes de máscaras, frequentemente realizados em Londres, nos quais as pessoas costumavam libertar seus desejos e praticar o sexo descompromissado. Ideia representada no conto na cena em que Ruth Algrave passeia e se constrange com o que se depara na cidade londrina: “Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar” (*ibidem*). Esse sentimento legitima o menosprezo da protagonista no que se refere às questões voltadas para a sexualidade.

## 2.2 CORPO E OPRESSÃO RELIGIOSA

No cristianismo, o corpo tem um significado extremamente simbólico. Segundo Nilo Ribeiro Junior (2011, [s/p]), para os cristãos, o corpo é o lugar onde existe a possibilidade de aproximação entre o humano e o divino. E essa ideia de proximidade advém do que ele denomina “Evento Cristo”. A concepção de Jesus, o filho de Deus, no corpo da humana Maria, representa esse amálgama entre Deus e o homem. Sobre essa concepção é importante ressaltar a virgindade da mulher escolhida e a assexualidade presente no ato. Assim, não havendo prática sexual, não há a configuração do pecado.

O corpo de Maria era inocente e virgem. Esse foi o critério de escolha utilizado por Deus para fazer dela a mãe de seu filho Jesus. É assim que os cristãos, de modo particular, as mulheres, devem manter seu corpo: incólume. Ainda de acordo com Nilo Ribeiro, “o cristianismo anuncia uma autêntica revolução a respeito da experiência humana do corpo na medida em que enaltece a carnalidade como lugar da experiência de Deus” (JUNIOR, 2011, s/p).

Visto como a “morada de Deus”, o corpo, na religião cristã, passa a ser sagrado. Cabe ao sujeito não o profanar, evitando às tentações vinculadas à sexualidade. É na busca por esse corpo sagrado que, segundo o narrador de “Miss Algrave”, vive a personagem clariceana Ruth.

Miss Algrave, além de não vivenciar o sexo, evitava qualquer gesto que pudesse levá-la ao experimento da própria sexualidade. Só tomava banho aos sábados e, para “não ver o seu corpo nu, não tirava as calcinhas nem o sutiã” (LISPECTOR, 1998, p.14). Ver sua nudez poderia despertar nela seus desejos sexuais, bem como o tocar nas suas genitais poderia significar a profanação de sua pureza corporal. Não olhava para os “casais que se beijavam e se acariciavam” (*ibdem*, p.15) no parque, pois via nisso falta de pudor; não tinha bichos nem televisão por achar os primeiros bestiais e a segunda imoral. Uma vez “vira um homem beijando uma mulher na boca” (*ibdem*) na televisão de Mrs. Cabot e ficou horrorizada.

Mr. Cabot era um senhor de noventa e sete anos, do qual Ruth parecia gostar, pois o visitava com frequência e o levava “bolo com passas” (*ibdem*), para juntos tomarem chá. A aproximação de Ruth com essa figura masculina, que poderia ser considerado uma atitude contraditória ao seu comportamento, dever-se, justamente, ao fato dele ser um idoso o que, em tese, significa que ele já não podia representar ameaça para a sua sexualidade. Assim, aos olhos de Miss Algrave, Mr. Cabot era tão assexuado quanto ela.

Outro fato atrelado ao sexo que a deixou impressionada foi ter visto o cruzamento, na rua, de dois cachorros, porém, “se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas, ninguém a tocara jamais, pensou” (*ibdem*, p.16).

Orar e ler a bíblia, para o cristianismo, também faz parte de um ritual diário na busca pela paz espiritual e, segundo a ideologia cristã, essas atividades “alimentam o espírito”, norteiam as condutas e fortalece a fé. É nos textos bíblico que os fiéis dizem encontrar a “força” necessária para enfrentar as constantes tentações do pecar. Ruth, enquanto cristã, também mantinha o hábito de rezar e ler a bíblia. Outra prática comum na rotina da personagem na sua busca por tranquilidade era o costume de tomar chá, além de manter uma dieta à base de frutas e legumes.

Muitas são as formas que o sujeito busca para reestabelecer o controle e o equilíbrio, uma delas encontra-se nas culturas orientais, nas quais o chá é considerado um produto importante nessa conquista. Cristiane A. Sato (2006, [s/p]), colaboradora do site *Cultura Japonesa*, em um artigo sobre a origem do chá no Japão, afirma que nesses países, existe, inclusive, a chamada “Cerimônia do Chá (Tchá-no-yu)” que, segundo os chineses, além de oferecer uma atmosfera de paz, promove a purificação da alma humana. O chá, no Japão, também costuma ser usado na meditação religiosa.

Ruth era descendente de irlandeses, povo que também consome tipicamente chá por reconhecer seus benefícios relaxantes. Miss Algrave, apesar de ser uma mulher que mora

sozinha, ter independência financeira, não ser casada e não ter filhos (o que, na perspectiva moderna, sugeriria uma vida tranquila), aparece em três momentos da narrativa tomando chá de jasmim, conhecido por suas propriedades analgésicas e calmantes. Em nenhum parágrafo anterior foi narrado que a personagem tivesse sentido alguma dor física ou fosse vítima de uma situação de grande estresse.

Ainda assim ela acorda e toma chá. Depois do almoço toma chá. E a noite “antes de dormir tomou mais chá de jasmim” (LISPECTOR, 1998, p.15), o que evidencia que essa prática, assim como rezar e ler a bíblia, era uma tentativa da personagem de controlar tensões e inquietações psicológicas e sexuais. Esse estado de inquietação não parece se dispersar facilmente, tendo em vista que Ruth volta a tomar chá mais duas vezes após a primeira. Os vocábulos acordar, almoçar e dormir forma o ciclo do dia, representando a persistência de possíveis tensão sexuais e/ou sensações “indesejadas” pela protagonista.

Miss Algrave, segundo o narrador revela mais adiante, era tão intolerante com as pulsões do corpo que até as crianças considerava sujeitos imorais, opinião que se vincula à experiência sexual que a personagem vivenciou com o primo, em sua infância. O narrador não descreve nenhuma cena na qual Miss Algrave tivesse presenciado crianças praticando atos libidinosos, o que evidencia que ela o sabia por ela mesma, com base no que ela e o primo haviam feito quando eram crianças. Outro aspecto que pode elucidar a forma intolerante como a protagonista enxergava sua experiência infantil é entender o ato como sendo um possível incesto.

Segundo Gayle Rubin (1971, p.12), o tabu do incesto surge nas sociedades constituídas pelo sistema de parentesco, no qual não se podiam estabelecer relações sexuais com pessoas geneticamente próximas. Assim, era proibido, por exemplo, o casamento entre primos cruzados. Para Miss Algrave, o incesto era um de seus grandes tabus. Lamentava-se, inclusive, de “ter nascido da incontinência de seu pai e de sua mãe” (LISPECTOR, 1998, p.16). Sua intensa e aparente aversão sexual, nesse sentido, chegava ao ponto desejar não ter nascido. Não lhe apetece a ideia de ter sido originada no sexo.

### 2.1.2 UMA ASSEXUALIDADE DE APARÊNCIA

Paulo Victor Bezerra (2015, p. 263), em sua tese sobre a *assexualidade*, trouxe a seguinte definição do termo: “a assexualidade é uma orientação sexual, uma condição intrínseca das pessoas, na qual não se experimenta atração sexual”. Em se tratando de

cristianismo, religião na qual há grande valorização da virgindade, bem como da personagem Ruth Algrave, essa deve ser a condição mais almejada por seus fiéis.

Conforme estamos desenhando nesta análise, até o décimo parágrafo do conto em estudo o narrador apresenta Miss Algrave como uma mulher de comportamento regrado, que segue na prática o referencial de Maria e os preceitos cristãos de valorização e manutenção da virgindade feminina. Mas é a partir desse momento que o narrador começa a fazer perceber a densidade psicológica dessa protagonista clariceana.

A imagem assexuada e intolerante de Ruth vai dando lugar a percepção de uma mulher marcada pela opressão de seus desejos sexuais. É a partir de pequenas pistas dadas pelo narrador que se torna perceptível os sentimentos ambivalentes da personagem. Miss Algrave é uma figura feminina que, como as mulheres do plano real, pelo medo da represália e intolerância social, opta por reprimir ou vivenciar clandestinamente sua sexualidade. Assim, torna-se obrigada a viver dividida entre o ser (pecar) e o aparentar (não pecar).

Pecar, no sentido cristão, significa transgredir a lei divina. O ato de “pecar” vem sempre antecedido da tentação, espécie de instigação, que induz o sujeito a desejar algo normalmente proibido. Nesse processo, o homem, na sua fragilidade, é facilmente seduzido, pois, o pecado, segundo a narrativa bíblica, costuma vir camuflado de uma facilidade e beleza aparente, além de estar relacionado à sexualidade e ao prazer.

Essa ideia é reforçada no conto quando o narrador afirma sobre Algrave: “Depois foi almoçar e permitiu-se comer camarão: estava tão bom que até parecia pecado” (LISPECTOR, 1998, p.14). Esse trecho evidencia ainda a necessidade do sacrificar-se para agradar a Deus, tendo em vista que pecar era bom. Assim, viver no pecado estaria para a satisfação dos desejos humanos e o não fazê-lo para a satisfação dos desejos divinos, ainda que isso implique na repressão e infelicidade humana.

A primeira marca dos sentimentos ambivalentes (desejar e reprimir) da personagem aparece quando o narrador descreve um passeio da mesma pelo Hyde Park, no qual ela levava a bíblia para ler, mas a presença do sol a impediu de fazê-lo. Naquele dia “o sol estava tão guerrilheiro, tão bom, tão quente, que, não leu nada” (LISPECTOR, 1998, p.15). O sol, considerado a estrela maior e mais poderosa, representa, simbolicamente, o masculino, seu poder e sua essência divina (dicionário de símbolos, [s/p]). Nesse trecho Ruth deixa-se sucumbir pelo desejo de estar na presença de um homem, este que, estando “tão guerrilheiro”, ou seja, pronto para combater a resistência religiosa da personagem, acaba vencendo os

preceitos divinos aqui representados pela bíblia. Desta forma o corpo torna-se o elemento que atrapalha o projeto de santidade.

No trecho seguinte, o narrador faz uma afirmação que põe em dúvida a suposta felicidade tão prometida pelo cristianismo para aqueles que seguem sua ideologia: “Miss Algrave sentia-se muito feliz, embora...bem, embora” (LISPECTOR, 1998, P.15). O uso do modalizador “embora” quebra a expectativa da felicidade plena, que pode levar o leitor a se questionar sobre o que estaria faltando na vida daquela mulher para a concretização desse objetivo.

Outro aspecto que denuncia a infelicidade da personagem era o sentimento de solidão. Ela tinha casa, trabalho, um amigo, mas ainda assim se sentia isolada. Esse isolamento, condicionado pelo preceito cristão de manutenção da virgindade feminina, provoca em Ruth a infelicidade, pois, como salienta Silva (2010, p. 135), a existência da chamada dependência físico-psicológica compromete o processo de independência feminina, configurando, assim, o comportamento ambivalente da mulher.

Nos trechos “era difícil viver só. A solidão a esmagava” e “Terrível não ter uma só pessoa para conversar” (LISPECTOR, 1998, p.15), fica evidente o sacrifício que manter-se sozinha significava para a personagem. Embora procurasse a todo o momento aparentar uma assexualidade, habitava nela o desejo de ter alguém. Quando estava em casa, suspirava ao pensar na dificuldade de estar só, de não ter sequer alguém para conversar. Suas crenças e intolerância religiosas acabaram por afastá-la do convívio social, seus únicos visitantes eram os pombos para os quais costumava deixar arroz cru na janela: “como deixava arroz cru na janela, os pombos vinham visita-la. Às vezes entravam-lhe no quarto. Eram enviados por Deus” (LISPECTOR, 1998, p.16).

A presença dos pombos no conto, devido às suas diferentes simbologias, tem, no mínimo, duas interpretações possíveis. Para os cristãos, a pomba é a representação do Espírito Santo, da paz e da pureza (dicionário de símbolos, [s/p]) e, talvez por isso, a estada desse animal na casa de Miss Algrave não lhe causasse nenhum incômodo, para ela, eles “eram enviados de Deus”.

A segunda interpretação possível estaria relacionada à simbologia dessa ave em algumas culturas pagãs, a exemplo da mitologia grega, em que esse pássaro é associado à figura feminina de Afrodite, deusa do amor, da beleza, da sexualidade e de Eros, o que representaria a consumação do amor e dos desejos entre os amantes (dicionário de símbolos, [s/p]). Essa interpretação pode ser validada tendo em vista uma possível realização amorosa, a

partir do encontro de Ruth e da representação simbólica dos pombos, já que estes “vinham visitá-la” e “às vezes entrava-lhe no quarto” (LISPECTOR, 1998, p.16).

Ao criar Ruth Algrave, uma mulher subjetivamente marcada pela doutrina religiosa, Clarice Lispector consegue chamar a atenção para a valorização das aparências cultuadas nas sociedades ocidentais cristãs. A personagem, como as mulheres ou mesmo todos os sujeitos do plano real, é ambivalente nos seus desejos, e embora tenha passado parte de sua vida recalçando-os, sua solidão e infelicidade denunciam a contenção de suas pulsões e não a ausência das mesmas.

### 2.1.3 A PRESENÇA CRISTÃ NA RELAÇÃO SEXUAL DE RUTH

O ápice da história de Ruth ocorre quando a protagonista consegue se libertar de seus dogmas religiosos de repressão e passa a vivenciar sua sexualidade. O conflito sexual vivenciado por Miss Algrave parece ter exercido tamanho impacto psicológico na personagem, que a fez transformar a “descoberta, solitária, da sua sexualidade” (GROBLIMA, 2009, p.43), em uma experiência mística.

O misticismo da experiência sexual de Ruth se percebe desde a escolha do dia para a realização desta. O sábado, mais especificamente, o sábado de aleluia, foi o dia em que, segundo a narrativa bíblica, os seguidores de Jesus ficaram à espera de sua ressurreição. Miss Algrave inicia sua sexualidade em um sábado, em uma noite singular do mês de maio, considerado pelos católicos como o mês da Virgem Maria.

Nesse dia, seus desejos pareciam estar especialmente alterados, tendo em vista que tomou chá de jasmim três vezes ao dia, foi ao Hyde Park e, ao invés de ler a bíblia, concentrou-se no calor do sol (símbolo do masculino) e, a noite, tricou um suéter também cor do sol. É importante destacar a figuração do suéter, roupa de inverno utilizada para aquecer o corpo humano. Desta forma, pode-se interpretar o aparecimento dessa vestimenta enquanto representação do desejo da personagem de ter seu corpo feminino aquecido e/ou encoberto por um corpo masculino simbolizado pela “cor do sol”. Além disso, era noite de lua cheia, o que simboliza a feminilidade, o amor e a maternidade (dicionário de símbolos, [s/p]). Esse encontro do sol com a lua cheia é a representação do encontro amoroso entre um homem e uma mulher.

O narrador, em sequência, descreve a seguinte cena: “Estava assim deitada na cama com a sua solidão. O embora. Foi então que aconteceu. Sentiu que pela janela entrava uma

coisa que não era um pombo. Teve medo” (LISPECTOR, 1998, p.16). Ruth estava deitada quando sentiu que algo entrava em seu quarto. O uso do vocábulo “algo” estabelece uma relação de indeterminação que faz com que não se possa perceber o que é essa criatura que entra pela janela, depreende-se somente que não se trata de alguém conhecido pela personagem. Outro dado que confirma o misticismo desse sujeito é o fato da personagem não poder enxergá-lo, ela apenas o sentia. Ao levarmos em consideração a frequência do discurso cristão presente em toda obra, essa cena acaba remetendo a narrativa bíblica presente no livro de Lucas referente a anunciação de Maria, quando o anjo Gabriel aparece para ela no meio da noite.

(...) Foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. (...) então o anjo lhe disse: não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis conceberás no teu ventre, e dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. (LUCAS, 1963.p.971).

Ruth, assim como a virgem, questiona o ser sobre quem ele é e recebe com resposta a seguinte afirmação “vim de saturno para amar você”. É nesse momento da narrativa que podemos identificar as características mais recorrentes da obra de Clarice Lispector, a noção de estranhamento e epifania.

Segundo Noemi Jaffe, em uma palestra à TV Cultura em 2015, Clarice tem a capacidade de, a partir do estranhamento, fazer com que o leitor reconquiste um “olhar inaugural” sobre as coisas comuns. Assim, ela o faz nessa obra quando, a partir da representação de Ruth, uma mulher cristã “normal” marcada pela repressão sexual e o comportamento dual santa/pecadora, desperta no leitor um novo olhar para a figura da mulher e sua triste condição sexual, tão antiga e despercebidas por muitos. Clarice consegue, na e pela sua personagem feminina de ficção, trazer visibilidade aos problemas subjetivos que envolvem as mulheres do plano real.

É um estranhamento que não é só do outro em relação à mulher, mas da própria em relação a ela mesma que, embebida pelas doutrinas cristãs, muitas vezes não consegue se enxergar enquanto ser oprimido.

A epifania, segundo Noemi Jaffe (2015, [s/p]), é um termo de origem grega e significa revelação. Posteriormente, a palavra foi aderida, também, pela tradição cristã, na qual recebeu a conotação de revelação religiosa. Mas, ainda segundo Noemi, o escritor irlandês James Joyce se apropria do termo, e *epifania* passa a designar, também, revelação cotidiana. Em síntese, epifania é a transformação pela qual alguém passa, através da revelação ocasionada pela observação de fatos e coisas banais, simples e sem nenhuma importância aparente.



Nesse viés, a epifania no conto em análise se dá de duas maneiras: primeiro, pela transformação da personalidade de Miss Algrave através do contato sexual e, segundo, pelo fato da personagem ter feito deste ato uma experiência mística, com o propósito, ainda que fantasioso, de atender o ideal cristão da copulação feminina.

Essa atitude de Ruth parece coerente com o conceito alemão da palavra *unheimlich* que, traduzido para o português, significa “estranho familiar”. Esse conceito foi adotado por Sigmund Freud (1919, p. 254), para fundamentar o pensamento psicanalítico de que, em síntese, representaria a confusão entre ficção e realidade feita por indivíduos que recalcam seus sentimentos, misturando fatos concretos a fantasias. Segundo esse pensamento freudiano, no processo de recalque, a pessoa torna aquilo que lhe é familiar, tais como os desejos sexuais de Ruth, em algo estranho, fazendo com que o sujeito se assuste com seus próprios sentimentos, a tal ponto de não conseguir mais distinguir os limites do real e do imaginário. Como vimos, Miss Algrave se estranha, enquanto possuidora de suas pulsões, e isso é resultado de sua repressão sexual.

Essa parece ser a explicação mais plausível para a fantasia psicológica que a personagem cria ao imaginar um ser vindo dos céus, como se fosse um segundo anjo Gabriel, para que pudesse consumir o desejo sem culpas.

Ixtlan era o nome do ser que veio de saturno para amar Ruth. Na astrologia, saturno é considerado um dos planetas mais incompreendidos e representa tudo aquilo que diz respeito à responsabilidade e obrigação, tanto pessoais quanto sociais. É também temido como sendo um deus implacável e insensível (dicionário de símbolos, [s/p]). Ixtlan representa no conto o fruto proibido do pecado original, é no contato com ele que, Ruth, assim como Eva descobre a sexualidade.

Ixtlan, o ser de saturno, é descrito pelo narrador como sendo branco e pequeno e como tendo “sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de morrer” (LISPECTOR, 1998, p.17). Essa descrição causa certa confusão, tendo em vista que, esse ser vindo dos céus, parece se transfigurar na imagem do próprio Cristo que também teve uma coroa, embora de espinhos, usada por ele em seu processo de sacrifício na missão de tirar e libertar o mundo do pecado.

A coroa simboliza o poder. Reis e rainhas usam esse objeto para serem reconhecidos publicamente enquanto governantes, ainda que Jesus tenha tido, zombeteiramente, sua cabeça coroada de espinhos. A diferença básica entre a coroa usada por Cristo e a pertencente a Ixtlan são as cobras, que parecem fazer referência a serpente maliciosa e traiçoeira, que induziu Eva

a libertar os desejos profanos, além de serem representações fálicas, tais como os espinhos. Ixtlan parece ter sido transformado pela personagem, no seu devaneio religioso, em um Cristo também libertador, mas libertador de suas pulsões sexuais.

É perceptível ainda a relação desse personagem com a ideia de morte, também presente no discurso bíblico da Origem, como forma de punição pelo pecado original da desobediência, mas principalmente pela descoberta da sexualidade. Ixtlan tinha um contato frio como uma lagartixa, mas também como a morte que esfria o cadáver; as cobras de sua coroa estavam mansas pelo medo da morte, as mesmas serpentes que induziram Eva a pecar e receber como punição a mortalidade; seu corpo era coberto por um manto roxo, manto esse que também cobriu o corpo de Cristo já morto; a cor roxa associada ao fúnebre e as rosas negras dos seios de Ruth, terminam por evidenciar a presença da morte no conto. É a morte de Cristo que salva a humanidade, ele que veio para que todos tivessem vida, e é a presença simbólica da morte no conto que salva Ruth de sua opressão sexual e a faz voltar a viver.

Ao trazer a imagem de Jesus coroado de espinhos, Clarice sacraliza o ato sexual de sua personagem: “Com ele não fora pecado” (LISPECTOR, 1998, p.18), o que tira dela a culpa por sucumbir a suas pulsões sexuais, já que, assim como o espírito santo de Deus desce sobre Maria e a concebe sem pecado mantendo-a pura, fazer sexo com Ixtlan, o Cristo que é também um Deus, faz seu ato perder o status de pecaminoso.

A imagem e a simbologia da lua reaparecem nesse momento da narrativa em que Ixtlan pede para Ruth tirar a camisola. Nesse instante, “a lua estava enorme dentro do quanto” (LIAPECTOR, 1998, p.17). Ixtlan deita-se com Ruth em sua cama de ferro. E toca seus seios.

Outro trecho que faz menção à figura de Cristo e que descreve a sensação de alegria sentida por Ruth após o ato sexual é “Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado” (LISPECTOR, 1998, p.17), Ixtlan fez pela protagonista algo bastante similar a um dos milagres de Jesus narrados na/pela bíblia, quando Ele “fez um paralítico voltar a andar” (MARCOS, 1963, p.949). Na narrativa em análise, o “milagre” também acontece: Ruth dá vazão a sua própria sexualidade.

Durante e após a cópula com Ixtlan, Ruth não cansa de exclamar: “eu te amo, meu amor, meu grande amor!” (LISPECTOR, 1998, p.17). É interessante pensar esse “grande amor” declarado pela personagem, fruto do contato de um único e primeiro contato sexual, o que só demonstra o alto grau de carência e dependência afetiva por parte da personagem. Seu “amor” era tão grande que, como Maria, determinada a ser “escrava do senhor”, Ruth também

entrega-se, por completo, a vontade de seu Deus (Ixtlan): “Eu me vos oferto” (LISPECTOR, 1998, p.17).

Após o término da consumação sexual, Ruth questiona Ixtlan, assim como se questiona juntamente ao seu primo quando criança, sobre a possibilidade de ela estar esperando um bebê. No entanto a resposta, mais uma vez, é negativa. Diferentemente da Virgem, Miss Algrave não ficou grávida, mas o fato de ter pensado a circunstância só reforça a ideia de que aquela, para ela, teria sido uma experiência mística cristã.

Em meio a essa experiência metafísica, uma característica incrustada nos olhos da personagem é quem poderia nos ajudar a compreender o grau de realidade ou fantasia da experiência sexual vivenciada por ela. Ruth Algrave, de acordo com o narrador, é estrábica. Desse modo, seu desvio ocular, talvez, simbolicamente, dificultasse sua visão real das coisas. Ruth não via igual aos outros, sob sua ótica as coisas aparecem distorcidas, ampliadas, ocultadas ou diminuídas. Sua dificuldade para discernir aquilo que é real daquilo que é imaginado acaba por ser transpassada para o leitor do texto, que não consegue distinguir o que da experiência vivida por Ruth Algrave é verdade ou fantasia. A única certeza posta no texto é a do desejo. A única verdade assegurada por Clarice é a da existência da sexualidade feminina.

#### 2.1.4 A “LIBERTAÇÃO”

Segundo Schick Jr. (2003, p.123), “você só tem a liberdade de fazer algo se puder se recusar a fazê-lo. Se uma ação é inevitável [...] então quem a realiza não está livre”. Ruth cede aos seus desejos e liberta-se de seus dogmas de sexualidade. Mas sua libertação é tão somente sexual, pois na sequência do conto a personagem mostra-se completamente dependente física e psicologicamente do ser masculino que a desposou. Isso se evidencia no momento em que ela afirma “vou morrer de saudades de você” (LISPECTOR, 1998, p.18), ou ainda quando o narrador a descreve após a saída de Ixtlan:

Começou a chorar baixinho. Parecia um triste violino sem arco. A prova de que tudo isso acontecera mesmo era o lençol manchado de sangue. Guardou-o sem lavá-lo e poderia mostrá-lo a quem não acreditasse nela. (LISPECTOR, 1998, p.18).

Ao compará-la com um “triste violino sem arco”, o narrador reforça a ideia cristã da incompletude da mulher, que não consegue ser feliz sem um homem. A presença masculina de Ixtlan na vida de Miss Algrave representa o fim de suas angústias. Já não queria tomar chá e se deleitava imaginando-se bebendo um café quente e forte; não desejava mais escrever

protestando ideias conservadoras para o jornal, “não protestava mais” (LISPECTOR, 1998, p.18); também deixou de ir à igreja, pois “era mulher realizada. Tinha marido” (*ibdem*); agora almoçava *filet mignon* e “carne sangrenta” (*ibdem*) passou a ser um prato apetitoso, principalmente se acompanhado de “vinho italiano bem adstringente, meio amargo e restringindo a língua” (*ibdem*, p.19); os animais e os casais do Hyde Park não lhe causavam mais nojo ou repulsa: “Eles que se amassem, era a melhor coisa do mundo” (LISPECTOR, 1998, p.17-18).

É na dependência e no contato sexual com um homem que Miss Algrave encontra sua felicidade. Acreditava ingenuamente que tinha agora um marido e isso, afinal, é o que lhe bastava, enquanto mulher cristã, para se considerar feliz.

Existe, portanto, no conto, a representação da paradoxal independência feminina. Ruth, ao mesmo tempo em que se liberta sexualmente, continua dependente de Ixtlan (homem). Silva (2010, p. 139) descreve bem esse conflito na citação que segue:

Depois de emancipadas, de conseguirem autonomia financeira, de liberadas sexualmente, mantêm uma postura de não libertas de um dos valores falocêntricos mais negados por elas: a dependência do homem. Neste caso, não se trata de dependência econômico-financeira, mas de uma outra que se revela como de maior relevância para se questionar o “destino de homens e mulheres”: a dependência físico-psicológica.(SILVA 2010, p. 139)

A repressão da sexualidade, elemento base da opressão feminina nas sociedades cristãs ocidentais, é superada por Ruth, mas, ainda assim, ela estabelece uma relação de dependência para com o masculino, agora não mais representado pela figura de Deus, mas associado à imagem de um homem.

Nos últimos parágrafos do conto se torna mais enfática a liberdade sexual da personagem feminina representada, embora esta não se configure em libertação feminina, dado ao fato da dependência físico-psicológica de Ruth Algrave em relação ao homem se tornar persistente.

Miss Algrave, cansada de esperar a volta de Ixtlan para consumir seus desejos, “encaminhou-se para o Picadilly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto” (LISPECTOR, 1998, p.19). A “demora” de Ixtlan, o seu não retorno, faz o leitor mais atento se questionar, mais uma vez, se, afinal de contas, Ixtlan era mesmo real ou apenas a personificação imaginária do desejo da personagem.

Depois de se aventurar sexualmente com um desconhecido, Ruth decidiu, também, não mais trabalhar de datilógrafa, achou melhor comprar um vestido vermelho decotado e chegar pela primeira vez no seu trabalho atrasada:

la era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem. Poderia beber vinho italiano todos os dias. Tinha vontade de comprar um vestido bem vermelho com o dinheiro que o cabeludo lhe deixara. Soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de ruivos. Ela parecia um uivo. (LISPECTOR, 1998, p.20)

Assim, Miss Algrave, que antes se orgulhava de ser elogiada pelo chefe por suas cartas de protestos em defesa da moral e dos costumes, agora iria chegar para Mr. Clairson e chamá-lo para deitar-se com ela na cama. Essa atitude “desobediente” de Ruth, agora descendente de Eva, em relação ao chefe, representa a sua rejeição ao domínio masculino sobre sua sexualidade. Seu novo comportamento também rompe com os ideais de família, já que Mr. Clairson era casado.

No entanto, no último parágrafo do conto, ainda é notório resquícios da perspectiva machista/cristã a respeito da sexualidade feminina, quando o narrador afirma que, quando chegada a hora de se reencontrar com Ixtlan, Miss Algrave tomaria um banho “purificador” de todos os homens. Nesse sentido, Ruth, no decorrer do enredo, apresenta duas atitudes antagônicas: inicialmente predomina sua passividade (repressão de desejos) e depois o dinamismo (transgressão sexual), o que, segundo Grob-Lima (2009, p.82), corresponde a dois níveis de narrativa: o devaneio e a ação. A parte referente ao devaneio parece ser caracterizada pela sua constante preocupação em corresponder ao padrão de mulher que satisfaz a opinião pública e, a ação, se configura quando esta transgride esse padrão e passa a vivenciar a sua sexualidade sem culpas.

Esse comportamento antagônico de Miss Algrave constrói a ambivalência das personagens femininas de ficção, representadas na obra de autoria feminina, tão mencionada por Silva (2010, p.28). Clarice Lispector, embora veja na escrita uma ferramenta de libertação e desperte o olhar de estranhamento sobre o papel social das mulheres, através de suas personagens, assim como Dôra Limeira e Ivana Arruda Leite, ainda não conseguiu criar um espaço social ficcional no qual as mulheres sejam completamente independentes, felizes e satisfeitas sem precisar de nenhum tipo de interferência masculina.

### 2.3 OS CAMINHOS SE ABREM

Munidos pelos conhecimentos e informações anteriormente citados, acreditamos ter conseguido comprovar a tese da existência de opressão à mulher no conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector. Discutidas algumas teorias sobre a sexualidade, chegamos à conclusão de que as mulheres ocidentais estão envoltas pelos fundamentos bíblicos de opressão à

sexualidade feminina. O comportamento de Ruth Algrave é o reflexo do modo opressor como as mulheres são tratadas pelos discursos cristãos e, conseqüentemente, pelos homens. Cristã e filha de um ex-pastor, Ruth, em busca de pertencimento e aceitação social, a princípio, persegue o modelo assexuado de Maria. A repressão sexual da personagem resulta em sua infelicidade e solidão. A tentativa de controlar suas pulsões e o sofrimento que isso lhe causa, denuncia a opressão à mulher representada pela personagem de Clarice Lispector.

O comportamento assexuado de Ruth (mulher) garante o respeito social e masculino, representado no conto pelo personagem do seu patrão (seu superior), Mr. Clairson, homem que a trata com respeito e admiração quando ela escreve cartas de protesto, questionando os costumes libertinos da cidade de Londres. Essa admiração demonstrada pelo personagem masculino nada mais é que a absolvição e exaltação daquelas mulheres que reforçam seus poderes patriarcais. Ruth tem consciência de que seu comportamento é condicionante na forma como poderá ser enxergada e tratada pelo outro, por isso, inicialmente, mantém uma postura submissa. Todavia, essa repressão a deixa angustiada, por isso reza, vai à igreja, lê a bíblia e toma chá para acalmar seus instintos.

Solitária e infeliz, na metade do enredo ela resolve transgredir e vivenciar sua libertação sexual. Nesse momento, a personagem, segundo o narrador, descobre a magnitude de ser mulher. Embora soubesse que, na sociedade em que vivia, provavelmente, pagaria um preço alto pela sua transgressão. “Mas pensou: será que vou ter que pagar um preço muito caro pela minha felicidade? Não se incomodava. Pagaria tudo o que tivesse de pagar. Sempre pagara e sempre fora infeliz” (LISPECTOR, 1998, P. 19). Assexuada ou sexuada, infeliz ou momentaneamente feliz, religiosa ou não religiosa, Miss Algrave pagava e sempre precisaria pagar o alto preço de ter nascido mulher em uma sociedade que pune, segrega e discrimina a sexualidade feminina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Liberdade”, no sentido mais lato da palavra, é o poder de cada um agir ou decidir segundo sua própria determinação (AURÉLIO, 2001, p. 425). Ser livre é uma condição almejada por muitos, principalmente por aqueles que, socialmente, ocupam um lugar marginalizado ou que não tem um lugar preestabelecido. Em sua busca constante por poder, o homem estabelece modelos de relação e comportamentos que desconsideram a subjetividade humana. Nessas relações, somos todos vistos como meros objetos destituídos de singularidade, prontos para ser moldados e padronizados de acordo com os interesses de uma classe dominante que não tem outro propósito a não ser a manutenção de sua hegemonia.

Nesse processo unilateral, os sujeitos, todos dotados de subjetividade, são obrigados a ocultarem seus verdadeiros sentimentos e procurar viver como se estivessem em um eterno “baile de máscaras”. Disfarçar, reprimir, dissimular é condição essencial para pertencer a uma sociedade previamente organizada. Segundo Regina Navarro Lins (2012), em sua pesquisa feita para compreender as diferentes concepções que o “amor” e, conseqüentemente, as relações humanas receberam nos diferentes períodos da história, afirma que na segunda metade do século XVII o baile de máscara era o lugar ideal para quem desejava se divertir, entendido, aqui, como momento em que se age seguindo sua própria vontade, em busca por um prazer individual.

Para quem desejava se divertir com segurança, um baile de máscaras era o lugar indicado. Disfarçando sua identidade, mascarando-se com roupas e dominós, os participantes adotavam comportamento bem diferente de qualquer outro acontecimento social. (LINS, 2012, p.28).

O desencontro entre aquilo que se é o que se pode ser socialmente condiciona o sujeito a vivenciar sentimentos de angústia e inquietação. Optam, não poucas vezes, pela repressão de suas pulsões, quando não, decidem por viver experiências furtivas numa atitude constante de dissimulação e sustentação de uma sociedade onde aparentar é mais importante do que ser. Há, também, aqueles que se arriscam e tentam ir em direção contrária, mas estes são logo punidos pelo desrespeito social e amargam os dissabores da solidão. São influenciados à retornar ao quebra-cabeças, no qual nenhuma peça pode estar fora do lugar, em que a completude do todo é superior a completude individual. Uma peça sozinha não tem valia, sua importância só é reconhecida pelo espaço vazio do jogo social que precisa ser preenchido.

Em síntese, todos esses comportamentos são contraditórios entre si e revelam a angústia existencial de sujeitos que não se adequam a modelos prontos, não se sentem pertencentes a esse lugar comum. O que se configura em um grande problema, pois, segundo Silva (2010), (...) “a lógica do pertencimento, principalmente em se tratando da condição de sujeito via validação sexual ou de gênero, envolve a todos, não exclui nenhum um ser”. Dessa forma, todos “são seres marcadamente pertencentes à lógica da ordem, por força ou por vontade, conscientes ou inconscientemente”. (SILVA, 2010, p. 66).

Uma das maiores fontes de repressão humana, como discutido exaustivamente até aqui, é a opressão sexual. A normatização do sexo através do casamento e conseqüentemente das relações heterossexuais é o pressuposto fundamental para manter as estruturas da sociedade patriarcal. E as religiões, sejam católicas ou protestantes, advindas dos ideais cristãos, desempenham o importante papel de mantenedoras dessa ordem.

Contra a normatividade social e paralelo ao poder dessas instituições mantenedoras, existem vozes de resistência que lutam por ideais de libertação. Filósofos, intelectuais, ativistas, feministas, movimentos LGBTs e escritores tentam construir um novo e revolucionário pensamento que resulte na construção de uma sociedade igualitária, para homens e mulheres, e menos opressiva.

O feminismo, de modo particular, tem realizados grandes conquistas para a igualdade de direitos civis de gênero, embora, quando se trata de relações afetivas, deva-se dizer que esse cenário pouco mudou. Atualmente a mulher trabalha, se divorcia, tem acesso a métodos contraceptivos e, em alguns países, é lhe dado, também, o direito de abortar. No campo literário, mulheres se inscrevem na história, agora, a partir do seu ponto vista. Constroem novos espaços e papéis sociais femininos, suas personagens falam e fazem sexo. Apesar de, como exposto nessa pesquisa e validado por Antonio de Pádua Dias da Silva (2010), escritoras e personagens ainda não conseguirem se libertar completamente do domínio masculino.

A lição que nos fica ao final deste trabalho, portanto, é a de que se libertar e tornar o outro livre é um processo lento, de muitos avanços e poucos retornos. O ideal de construir uma sociedade na qual homens, mulheres, homoafetivos, lésbicas, entre outros, tenham a liberdade de trânsito, implica a desconstrução do poder falocêntrico e da normatização sexual. É preciso reconhecer que, embora biologicamente diferente, temos, todos, subjetividade, o que faz com que vivencemos de diferentes formas a sexualidade. Conforme problematizou Clarice Lispector, através de “Miss Agrave”, liberdade é tomar consciência de si. E liberdade,



para a mulher, é se fazer protagonista de sua própria vida. Sem a necessidade da religião. Sem a necessidade de amarras. Sem a necessidade do masculino. Ser plena, pura e simplesmente, através do próprio Eu.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, B. M., & PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

ARAÚJO, Márcia M. de M. & FONSECA, Pedro Carlos L. **A poesia trovadoresca e a imagem da mulher.** Ponta Grossa: Uniletras, 2012.p.37-47.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** São Paulo: Paz e terra, 2014.

BEZERRA, Paulo Victor. **Avessos do excesso: a assexualidade.** São Paulo: faculdade de ciências e letras, 2015.p.263.

BÍBLIA. Gênesis. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de António Pereira de Figueiredo. Lisboa: Depósito das escrituras sagradas, 1963.p.6-7.

BÍBLIA. Lucas. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de António Pereira de Figueiredo. Lisboa: Depósito das escrituras sagradas, 1963.p.971.

BÍBLIA. Rute. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins. Brasília, Paulus: 1990.p.282.

BÍBLIA. Ester. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins. Brasília, Paulus: 1990.p.533.

BÍBLIA. Coríntios. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins. Brasília, Paulus: 1990.p.1399.

BÍBLIA. João. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins. Brasília, Paulus: 1990.p.1292.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc et al. **Mulher, corpo e subjetividade: Uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade.** Fortaleza: Revista Mal-estar e subjetividade, 2007.

BRANCO, Lúcia Castelo & BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

DEBELAK, Catherine et al. **Não se nasce mulher, morre-se**. São Paulo: faculdade Cásper Líbero, 2015.

DUBY. Georges. **Eva e os padres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 p. 168.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREITAS, Mirian Gomes de. A presença feminina nas letras brasileiras. In: Conhecimento prático: Literatura. São Paulo: Editora escola. V, 56. 2015.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 19  
\_\_\_\_\_. **O estranho**. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1919/1996).

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

GROB-LIMA, Bernadet. **O percurso das personagens femininas de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

JUNIOR, Nilo Ribeiro. **Corpo e cristianismo**. Recife: Unicap, 2011.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARQUES, Amadeu. **Dicionário inglês-Português, português-inglês**. São Paulo: Ática, 2009.

MARTINI, André de. & JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho. **Novas notas sobre “o estranho”**. Rio de Janeiro: Tempo psicanalítico, 2010, p.373-374.

MIRANDA, Adelaide Calhman de. **Memória e cidade na narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina**. Porto Alegre: Zouk, 2015.p.85-115.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

NUNES, Silvia Alexim, **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.255.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SATO, Cristiane A. **O que é e de onde vem o chá?**. São Paulo: cultura japonesa, 2016.

SALLES, Ana Cristina T. C. & CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da sexualidade**. Belo Horizonte: Reverso, 2010. p.15-14.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: Vozes de permanência e poética de agressão**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

SILVA, Maria da Anunciação & MANDÚ, Edir Nei Teixeira. **Ideias cristãs frente ao corpo, à sexualidade e contracepção: Implicações para o trabalho educativo.** Porto Alegre: Revista Gaúcha Enferm, 2007.p.459-464.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. **Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental.** Bahia: Revista Áratemis, 2005.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil.** Brasília: Flacso Brasil, 2015.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

## ANEXOS

### MISS ALGRAVE

Ela era sujeita a julgamento. Por isso não contou nada a ninguém. Se contasse, não acreditariam porque não acreditavam na realidade. Mas ela, que morava em Londres, onde os fantasmas existem nos becos escuros, sabia da verdade.

Seu dia, sexta-feira, fora igual aos outros. Só aconteceu sábado de noite. Mas na sexta fez tudo igual como sempre. Embora a atormentasse uma lembrança horrível: quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo. Se era culpada, ele também o era.

Solteira, é claro, virgem, é claro. Morava sozinha numa cobertura em Soho. Nesse dia tinha feito suas compras de comida: legumes e frutas. Porque comer carne ela considerava pecado.

Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. E aquela estátua de Eros, ali, indecente.

Foi depois do almoço ao trabalho: era datilógrafa perfeita. Seu chefe nunca olhava para ela e tratava-a felizmente com respeito, chamando-a de Miss Algrave. Seu primeiro nome era Ruth. E descendia de irlandeses. Era ruiva, usava os cabelos enrolados na nuca em coque severo. Tinha muitas sardas e pele tão clara e fina que parecia uma seda branca. Os cílios também eram ruivos. Era uma mulher bonita.

Orgulhava-se muito de seu físico: cheia de corpo e alta. Mas nunca ninguém havia tocado nos seus seios.

Costumava jantar num restaurante barato em Soho mesmo. Comia macarrão com molho de tomate. E nunca entrara num pub: nauseava-a o cheiro de álcool, quando passava por um. Sentia-se ofendida pela humanidade.

Cultivava gerânios vermelhos que eram uma glória na primavera. Seu pai fora pastor protestante e a mãe ainda morava em Dublin com o filho casado. Seu irmão era casado com uma verdadeira cadela chamada Tootzi.

De vez em quando Miss Algrave escrevia uma carta de protesto para o Time. E eles publicavam. Via com muito gosto o seu nome: Sincerely Ruth Algrave.

Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver o seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã.

No dia em que aconteceu era sábado e não tinha portanto trabalho. Acordou muito cedo e tomou chá de jasmim. Depois rezou. Depois saiu para tomar ar.

Perto do Savoy Hotel quase foi atropelada. Se isso acontecesse e ela morresse teria sido horrível porque nada lhe aconteceria de noite.

Foi ao ensaio do canto coral. Tinha voz maviosa. Sim, era uma pessoa privilegiada.

Depois foi almoçar e permitiu-se comer camarão: estava tão bom que até parecia pecado.

Então dirigiu-se ao Hyde Park e sentou-se na grama.

Levara uma Bíblia para ler. Mas — que Deus a perdoasse — o sol estava tão guerrilheiro, tão bom, tão quente, que não leu nada, ficou só sentada no chão sem coragem de se deitar. Procurou não olhar os casais que se beijavam e se acariciavam sem a menor vergonha.

Depois foi para casa, regou as begônias e tomou banho. Então visitou Mrs. Cabot que tinha noventa e sete anos. Levou-lhe um pedaço de bolo com passas e tomaram chá. Miss Algrave sentia-se muito feliz, embora... Bem, embora.

Às sete horas voltou para casa. Nada tinha a fazer. Então tricotou um suéter para o inverno. De cor esplendorosa: amarela como o sol.

Antes de dormir tomou mais chá de jasmim com biscoitos, escovou os dentes, mudou de roupa e meteu-se na cama. Suas cortinas de gaze ela mesma fizera e pendurara.

Era maio. As cortinas se balançavam à brisa dessa noite tão singular. Singular por quê? Não sabia.

Leu um pouco o jornal da manhã e fechou a luz da cabeceira. Pela janela aberta via o luar. Era noite de lua cheia.

Suspirou muito porque era difícil viver só. A solidão a esmagava. Terrível não ter uma só pessoa para conversar. Era a criatura mais solitária que conhecia. Até Mrs. Cabot tinha um gato. Ruth Algrave não tinha bicho nenhum: eram bestiais demais para o seu gosto. Nem tinha televisão. Por dois motivos: faltava-lhe dinheiro e não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela. Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo da transmissão de micróbios. Ah, se pudesse escreveria todos os dias uma carta de protesto para o *Time*. Mas não adiantava protestar, ao que parecia. A falta de vergonha estava no ar. Até já vira um cachorro com uma cadela. Ficou impressionada. Mas se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas ninguém a tocara jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão.

Até as crianças eram imorais. Evitava-as. E lamentava muito ter nascido da incontinência de seu pai e de sua mãe. Sentia pudor deles não terem tido pudor.

Como deixava arroz cru na janela, os pombos vinham visitá-la. Às vezes entravam-lhe no quarto. Eram enviados por Deus. Tão inocentes. Arrulhando. Mas era meio imoral o arrulho deles, embora menos do que ver mulher quase nua na televisão. Ia amanhã sem falta escrever uma carta protestando contra os maus costumes daquela cidade maldita que era Londres. Chegara uma vez a ver uma fila de viciados junto de uma farmácia, esperando a vez de tomarem uma aplicação. Como é que a Rainha permitia? Mistério. Escreveria mais uma carta denunciando a própria Rainha. Escrevia bem, sem erros de gramática e batia as cartas na máquina do escritório quando tinha um instante de folga. Mr. Clairson, seu chefe, elogiava muito as suas cartas publicadas. Até dissera que ela poderia um dia vir a ser escritora. Ficara orgulhosa e agradecera muito.

Estava assim deitada na cama com a sua solidão. O embora.

Foi então que aconteceu.

Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo. Teve medo.

Falou bem alto:

— Quem é?

E a resposta veio em forma de vento:

— Eu sou um eu.

— Quem é você? Perguntou trêmula.

— Vim de Saturno para amar você.

— Mas eu não estou vendo ninguém! Gritou.

— O que importa é que você está me sentindo. E sentia-o mesmo. Teve um



frisson eletrônico.

— Como é que você se chama? Perguntou com medo.

— Pouco importa.

— Mas quero chamar seu nome!

— Chame-me de Ixtlan.

Eles se entendiam em sânscrito. Seu contato era frio como o de uma lagartixa, dava-lhe calafrios. Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria o seu corpo era da mais sofrida cor roxa, era ouro mau e púrpura coagulada.

Ele disse:

— Tire a roupa.

Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios.

Rosas negras.

Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado.

Começou a suspirar e disse para Ixtlan:

— Eu te amo, meu amor! meu grande amor!

E — é, sim. Aconteceu. Ela queria que não acabasse nunca. Como era bom, meu Deus. Tinha vontade de mais, mais e mais.

Ela pensava: aceitei-me! Ou então: "Eu me vos oferto." Era o domínio do "aqui e agora".

Perguntou-lhe: quando é que você volta?

Ixtlan respondeu:

— Na próxima lua cheia.

— Mas eu não posso esperar tanto!

— É o jeito, disse ele até friamente.

— Vou ficar esperando bebê?

— Não.

— Mas vou morrer de saudade de você! como é que eu faço?

— Use-se.

Ele se levantou, beijou-a castamente na testa. E saiu pela janela.

Começou a chorar baixinho. Parecia um triste violino sem arco. A prova de que tudo isso acontecera mesmo era o lençol manchado de sangue. Guardou-o sem lavá-lo e poderia mostrá-lo a quem não acreditasse nela.

Viu a madrugada nascer toda cor-de-rosa. No fog os primeiros passarinhos começavam a pipilar com doçura, ainda sem alvoroço.

Deus iluminava seu corpo.

Mas, como uma baronesa Von Blich, nostálgicamente recostada no dossel de cetim de seu leito, fingiu tocar a campainha para chamar o mordomo que lhe traria café quente, forte, forte.

Ela o amava e ia esperar ardentemente pela nova lua cheia. Não quis tomar banho para não tirar de si o gosto de Ixtlan. Com ele não fora pecado e sim uma delícia. Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto: não protestava mais.

E não foi à igreja. Era mulher realizada. Tinha marido.

Então, no domingo, na hora do almoço, comeu filet mignon com purê de batata.

A carne sangrenta era ótima. E tomou vinho tinto italiano. Era mesmo privilegiada.

Fora escolhida por um ser de Saturno.

Tinha lhe perguntado por que a havia escolhido. Ele dissera que era por ela ser ruiva e virgem. Sentia-se bestial.

Não tinha mais nojo de bichos. Eles que se amassem, era a melhor coisa do mundo. E ela esperaria por Ixtlan. Ele voltaria: eu sei, eu sei, eu sei, pensava ela. Também não tinha mais repulsa pelos casais do Hyde Park. Sabia como eles se sentiam.

Como era bom viver. Como era bom comer carne sangrenta. Como era bom tomar vinho italiano bem adstringente, meio amargando e restringindo a língua.

Era agora imprópria para menores de dezoito anos. E se deleitava, babava-se de gosto nisso.

Como era domingo, foi ao canto coral. Cantou melhor do que nunca e não se surpreendeu quando a escolheram para solista. Cantou a sua aleluia. Assim: Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Depois foi ao Hyde Park e deitou-se na grama quente, abriu um pouco as pernas para o sol entrar. Ser mulher era uma coisa soberba. Só quem era mulher sabia. Mas pensou: será que vou ter que pagar um preço muito caro pela minha felicidade? Não se incomodava. Pagaria tudo o que tivesse de pagar. Sempre pagara e sempre fora infeliz. E agora acabara-se a infelicidade. Ixtlan! Volte logo! Não posso mais esperar! Venha! Venha! Venha!

Pensou: será que ele gostara de mim porque sou um pouco estrábica? Na próxima lua cheia perguntaria a ele. Se fosse por isso, não tinha dúvida: forçaria a mão e se tornaria completamente vesga. Ixtlan, tudo o que você quiser que eu faça, eu faço.

Só que morria de saudade. Volte, my love.

Sim. Mas fez uma coisa que era traição. Ixtlan a compreenderia e perdoaria. Afinal de contas, a pessoa tinha que dar um jeito, não tinha?

Foi o seguinte: não aguentando mais, encaminhou-se para o Picadilly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de ir embora deixou na mesa-de-cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisada de dinheiro. Ficou furiosa, porém, quando ele não quis acreditar na sua história. Mostrou-lhe, quase até o seu nariz, o lençol manchado de sangue. Ele riu-se dela.

Na segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem. Poderia beber vinho italiano todos os dias. Tinha vontade de comprar um vestido bem vermelho com o dinheiro que o cabeludo lhe deixara. Soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de ruivos. Ela parecia um uivo.

Aprendera que valia muito. Se Mr. Clairson, o sonso, quisesse que ela trabalhasse para ele, teria que ser de outro bom modo.

Antes compraria o vestido vermelho decotado e depois iria ao escritório chegando de propósito, pela primeira vez na vida, bem atrasada. E falaria assim com o chefe:

— Chega de datilografia! Você que não me venha com uma de sonso! Quer saber de uma coisa? deite-se comigo na cama, seu desgraçado! e tem mais: me pague um salário alto por mês, seu sovina!

Tinha certeza de que ele aceitaria. Era casado com uma mulher pálida e insignificante, a Joan, e tinha uma filha anêmica, a Lucy. Vai é se deliciar comigo, o filho de uma cadela.

E quando chegasse a lua cheia — tomaria um banho purificador de todos os homens para estar pronta para o festim com Ixtlan.

Clarice Lispector